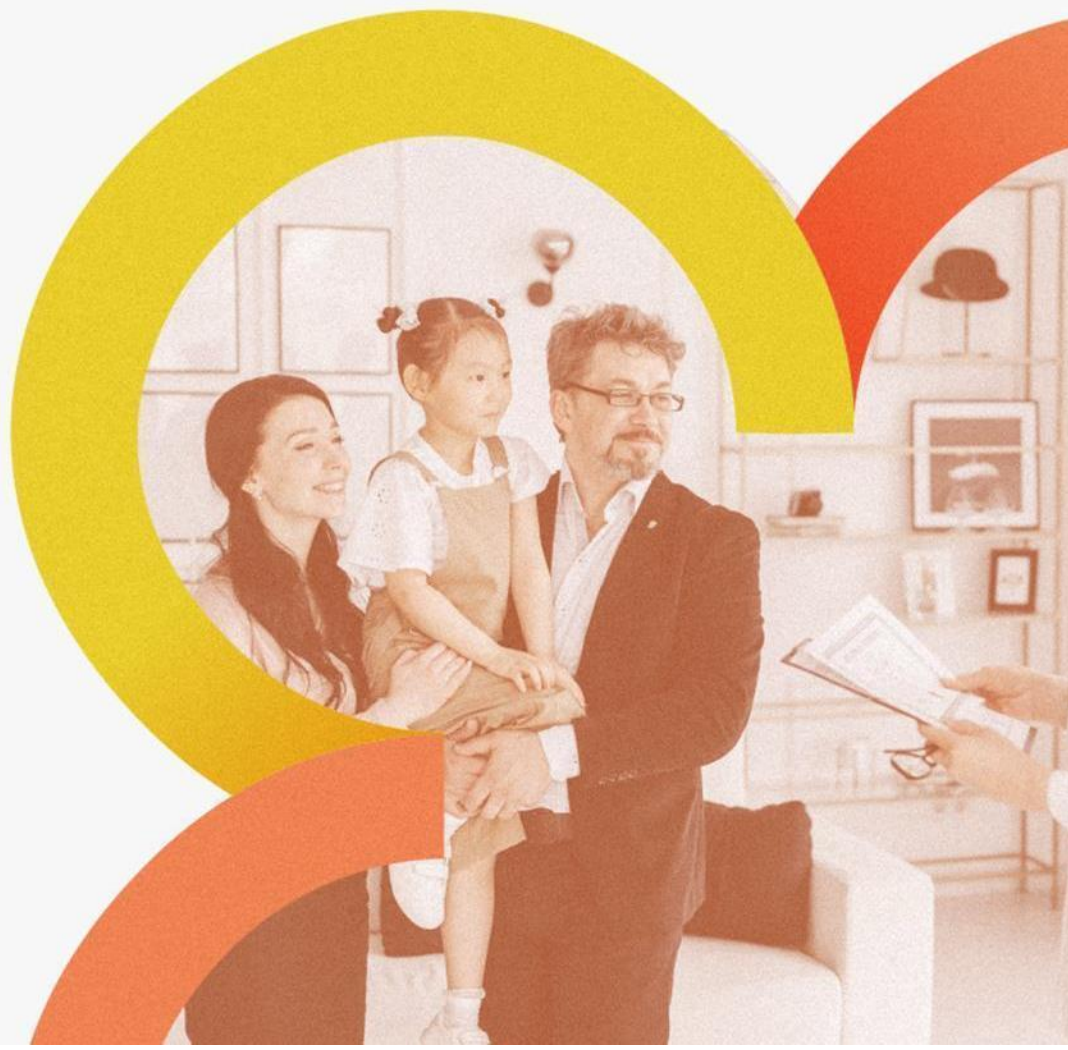


# Creating Care

## PR2 - “Ferramentas para compreender as necessidades, percepções e experiências das famílias de acolhimento”.

Número do Projeto: 2021-1-AT01-KA220-ADU-000028452



## Índice:

1. Introdução
2. A realidade das famílias de acolhimento nos países parceiros
  - 2.1 Metodologia
  - 2.2 França
  - 2.3 Grécia
  - 2.4 Portugal
  - 2.5 Roménia
  - 2.6 Áustria
  - 2.7 Itália
  - 2.8 República Checa
3. Resultados das entrevistas em grupo e individuais com famílias de acolhimento
  - 3.1 Caminho para se tornar família de acolhimento
  - 3.2 Obstáculos enfrentados para se tornar uma família de acolhimento.
  - 3.3 Obstáculos que as crianças enfrentam em famílias de acolhimento.
  - 3.4 Fatores decisivos para o sucesso do acolhimento.
  - 3.5 Vantagens de ser família de acolhimento.
  - 3.6 Apoio e ferramentas úteis no processo de ser uma família de acolhimento.
  - 3.7 A importância da formação no Sistema de acolhimento.
  - 3.8 Aspectos que devem ser conhecidos pelas potenciais famílias de acolhimento.
  - 3.9 Práticas e métodos utilizados pelas famílias de acolhimento.
4. Resultados dos grupos focais e atividades com crianças em vias de acolhimento
5. Perfil das famílias de acolhimento
  - 5.1 Quem são essas famílias?
6. Conclusão



7. Anexos
8. Referências

## 1. Introdução

De acordo com a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, todas as crianças devem ter condições de vida adequadas ao seu desenvolvimento físico, social e mental num ambiente familiar positivo. Apesar das medidas de cuidados residenciais terem sido inicialmente criadas para proteger e suprir as necessidades das crianças, a evidência sugere que os cuidados institucionais são prejudiciais, ou seja, prejudicam o desenvolvimento psicossocial da criança (OHCHR, 2011) e podem ser particularmente prejudiciais para as crianças pequenas (UNICEF, 2011). Por outro lado, os cuidados em contexto de acolhimento familiar têm um impacto positivo nas crianças, tais como a recuperação da linguagem, vinculação, ajustamento psicológico, recuperação de problemas de comportamento e sintomas de stress pós-traumático, desempenho académico e empregabilidade (ver em Nelson, Fox, & Zeanah, 2014; Ahmad et al., 2005).

Na última década, a Europa tem seguido uma política de desinstitucionalização sendo que a recomendação da Comissão Europeia é de erradicar as instituições governamentais de acolhimento residencial ou similar, concentrando-se em medidas de acolhimento (Comissão Europeia, 2013), especialmente no caso de crianças entre os 0 e 3 anos de idade e crianças com percursos de vida desafiantes (Eurochild, 2010). À luz da recomendação no sentido da desinstitucionalização e do número crescente de crianças a viver em instituições residenciais, especialmente crianças não acompanhadas na Europa, o principal objetivo deste projeto é preparar os profissionais a lidar, recrutar e comunicar com as famílias de acolhimento tendo em conta as suas necessidades e a realidade das crianças não acompanhadas. Tendo isto em conta, a nossa proposta foca-se na inclusão de crianças em risco (com especial enfoque nas crianças desacompanhadas). A nossa proposta incide nas medidas de cuidados alternativos, como é o caso das medidas de acolhimento, formando e apoiando tanto profissionais como famílias de acolhimento, abordando estereótipos e crenças baseadas em preconceitos em torno de famílias de acolhimento e crianças desacompanhadas no sistema de acolhimento. Mais especificamente, o projeto Creating Care propõe reforçar o desenvolvimento dos profissionais através da criação de um conjunto de resultados e atividades para os apoiar: uma ferramenta para o envolvimento familiar; um curso de Formação em

comunicação de competências e estratégias no processo de recrutamento de famílias de acolhimento, com base nas necessidades dos profissionais e das famílias de acolhimento; culminando com uma aplicação que visa apoiar as famílias de acolhimento após o processo de acolhimento de uma criança.

A parceria do projeto é composta pela Áustria (Compass e a Universidade de Innsbruck); Itália (San Giuseppe ONLUS); França (Afeji); Roménia (EASI); Portugal (Aproximar e Ainova); Grécia (KMOP); República Checa (Mise-Hero) e centra-se no desenvolvimento de estruturas de apoio. Estas serão construídas à medida das necessidades tanto dos profissionais como das famílias, nomeadamente formando profissionais em competências de comunicação e recrutamento e a criação de uma aplicação de apoio às famílias. Espera-se que as famílias de acolhimento e potenciais famílias de acolhimento recebam um apoio que seja ajustado às suas necessidades específicas durante o recrutamento. Assim, mais famílias podem ficar mais motivadas a tornarem-se famílias de acolhimento ou ficarem mais abertas à possibilidade de acolher uma criança não acompanhada. Além disso, a disponibilização de uma gama mais ampla de apoio não só durante o processo de recrutamento pelos profissionais que acompanham as famílias, mas também após a conclusão do processo de acolhimento, através do acesso a serviços úteis e próximos, facilitará o período de acolhimento. Assim, pretende-se proporcionar à criança um ambiente mais saudável e positivo para o seu desenvolvimento e inclusão não só nas famílias de acolhimento, mas também na sociedade, dando assim um grande passo para alcançar a necessária transformação das famílias de acolhimento e respetivos serviços para crianças em toda a Europa.

A investigação é clara ao demonstrar que as famílias de acolhimento necessitam de mais profissionais disponíveis para as apoiar, ouvir e colaborar na resolução dos seus problemas, ser mais valorizadas em termos do seu papel e estar mais envolvidas nos processos enquanto parceiros (Triseliotis et al., 2000). A falta de contribuição destes nos processos de tomada de decisão tem sido apontado como motivo de insatisfação ou de desistência (Geiger, Hayes, & Lietz, 2013).

No mesmo sentido, o Artigo 12 das Nações Unidas (1990) declara que sempre que uma decisão que afeta uma criança é tomada, as suas opiniões, desejos e necessidades devem ser tidos em conta, independentemente do seu sexo, religião,

estatuto social ou situação, tendo em especial atenção a sua idade e seu grau de maturidade. Tendo isso em mente, e em consonância com o relatório transnacional desenvolvido pela parceria do projeto no contexto do PR1, este documento consiste na conceção de um instrumento para compreender as necessidades, perceções e experiências das famílias de acolhimento. Isto será atingido conduzindo grupos focais com estas, tendo o benefício adicional de incluir estas famílias num processo decisivo de recolha de dados.

Além disso, incluímos as crianças enquanto participantes, sendo no objetivo dar voz às crianças desacompanhadas e incluir contributos úteis recolhidos através da perspetiva das crianças no perfil destas famílias. A participação das crianças, neste caso, de crianças desacompanhadas, é considerada essencial, permitindo aos pais/intervenientes profissionais/familiares contemplar e agir de acordo com as opiniões, perspetivas e necessidades expressas pelas crianças, assegurando que as informações fornecidas conduzam a mudanças que lhes sejam favoráveis (Conselho da Europa, 2009).

Estes documentos garantem o sucesso do processo de recrutamento de famílias de acolhimento através da construção de um perfil de famílias de acolhimento, complementado pelo contributo das crianças não acompanhadas, em todos os países parceiros, em termos das suas características comuns. O principal objetivo da realização dos grupos focais com as famílias é compreender a realidade destas tanto antes como durante o processo de acolhimento, recolhendo informações sobre as suas características, experiências, preocupações e necessidades comuns e compreender que tipo de apoio recebem do sistema e que tipo de apoio gostariam de receber. Antes de conduzir os grupos focais, o consórcio realizou uma breve pesquisa documental sobre a realidade das famílias de acolhimento a nível nacional e internacional para compreender as motivações, desafios e características das famílias de famílias de acolhimento. Este tipo de contributo ajudar-nos-á a integrar o feedback das famílias de acolhimento nas estratégias, normas e enquadramento nas políticas de retenção e recrutamento.

Espera-se um maior conhecimento das realidades das famílias de acolhimento a nível nacional e internacional, do ponto de vista das famílias, bem como a obtenção de resultados úteis (incluindo análise de necessidades, grupos-alvo, elementos de

inovação, impacto esperado e potencial de transferibilidade) na perspetiva das crianças não acompanhadas e compreensão da posição das famílias em termos de acolhimento de crianças não acompanhadas.

## 2. Realidade das famílias de acolhimento nos países dos parceiros

### 2.1 Metodologia

Cada parceiro da Áustria, Itália, Portugal, República Checa, Grécia, Roménia e França realizou uma pesquisa documental sobre as necessidades, perceções e experiências das famílias de acolhimento. Estes recolheram dados sobre a idade das famílias de acolhimento e das crianças em processo de acolhimento, a suas nacionalidade e a localização geográfica (sendo estes dados importantes para o desenvolvimento da aplicação, uma vez que esta terá uma funcionalidade adicional de geo-localização). A pesquisa foi feita utilizando informação interna a cada instituição parceira, pesquisa de artigos e informação online e pesquisa de instituições relacionadas com a temática. A pesquisa documental relativa às necessidades, perceções e experiências das famílias de acolhimento feita pelos países parceiros pretendeu enriquecer a informação e ajudar o processo de recrutamento de famílias de acolhimento, construindo um perfil das famílias de acolhimento, complementado pelo contributo das crianças não acompanhadas, nos países parceiros, em termos das suas características comuns. As principais questões que pretendíamos abordar eram: "Quem são estas famílias? O que têm em comum as famílias de acolhimento a nível nacional e transnacional? O que as encorajou a tornarem-se uma família de acolhimento?".

Desta forma, este relatório tem como objetivo resumir a pesquisa feita pelos parceiros da iniciativa e permitiu-nos comparar as realidades das famílias de acolhimento e das crianças acolhidas na Europa.

Após a recolha de dados, os parceiros organizaram dois grupos focais: um com famílias e outro com crianças. O grupo focal com as famílias visou construir um perfil das famílias de acolhimento, e das suas necessidades abordando o tema das crianças não acompanhadas no seio do sistema de acolhimento a nível nacional.

Cada parceiro conheceu as famílias e as crianças pessoalmente, online via Zoom ou outros, ou por telefone, como aconteceu no caso do parceiro da República Checa e da Itália. Um dos problemas comuns a todas as instituições parceiras foi a dificuldades em chegar à família de acolhimento, pelo que se optou pela ajuda dos profissionais da área. Estes providenciaram o apoio necessário e funcionaram como mediadores entre os parceiros e as famílias de acolhimento, ajudando na apresentação do projeto e na recolha de dados nos grupos de focais.

Todos os participantes assinaram um formulário de consentimento. Cada grupo focal durou pelo menos uma hora e meia, e todos os parceiros adaptaram as perguntas de acordo com a respetiva situação, havendo assim diferenças nas perguntas para as famílias e para as crianças. Depois da realização dos grupos focais, cada parceiro ficou encarregue de preparar um relatório nacional com todos os dados recolhidos.

No total, o consórcio entrevistou 32 famílias: três na Áustria, duas em França, sete na Grécia, seis em Itália, sete na Roménia, três em Portugal e quatro na República Checa. Foram também realizadas atividades com 72 crianças: quarenta e quatro na Grécia, uma na Itália, sete em França, dezassete na Roménia, e três na Áustria. Em Portugal e na República Checa não foi possível recolher dados junto a crianças acolhidas.

## 2.2. França

Em **França**, um inquérito nacional “*Direction de la recherche, des études, de l'évaluation et des statistiques (solidarites-sante.gouv.fr)*”<sup>1</sup> conduzido em 2019 entrevistou os assistentes familiares, através da colaboração do INSEE. Foram contactados diretamente por telefone ou entrevistados pessoalmente. O inquérito visava investigar as condições da prática das famílias de acolhimento, os obstáculos à sua profissionalização e o reconhecimento e atratividade da profissão. Outras informações em França provêm do livro de 2018 “*Fomentar a paternidade na Europa: Perspetivas teóricas e práticas profissionais*”<sup>2</sup>, que se centra na situação das famílias de acolhimento, conhecidas em França como "assistentes familiares". A

---

<sup>1</sup> 2019, National survey on family assistants <https://drees.solidarites-sante.gouv.fr/sources-outils-et-enquetes/lenquete-nationale-sur-les-assistants-familiaux#:~:text=Avec%2076000%20enfants%20accueillis%20fin,l%27ordre%20de%2040%20000.>

<sup>2</sup> 2018, Foster parenthood in Europe Theoretical perspectives and professional practices <https://books.openedition.org/pup/50093>



profissionalização deste papel é um debate a nível nacional. O livro mostra que a Europa é rica em políticas de proteção e cuidados infantis, indo desde os cuidados institucionais até aos cuidados familiares alargados e do estatuto profissional ao voluntariado. A intersecção europeia abre um diálogo que permite uma melhor compreensão das escolhas e práticas políticas e institucionais nos diferentes países. Após a Lei nº 2022-140 de 7 de Fevereiro de 2022 sobre a proteção das crianças, que visa melhorar a situação das crianças protegidas pelo ASE (sistema francês de proteção infantil), foram adotadas medidas importantes, tais como o reconhecimento do papel dos assistentes familiares, com participação no desenvolvimento e acompanhamento do projeto da criança; a revalorização e harmonização da remuneração dos assistentes familiares e a possibilidade de atribuir um fim-de-semana de folga uma vez por mês. Apesar disso continua a existir uma insuficiência de estatísticas, de dados e investigações especificamente sobre os cuidados e a realidade do acolhimento. Efetivamente, o lugar e o papel do ambiente familiar não estão assim tão claros; a saída de uma criança da família de acolhimento é frequentemente mal preparada, mesmo sendo um passo importante para a criança ou para o jovem. Os assistentes familiares não se sentem suficientemente apoiados na sua atividade profissional.

Em 2017, um *Estudo sobre os benefícios do acolhimento de crianças desacompanhados*<sup>3</sup> realizado de Março a Julho de 2017, proporcionou uma oportunidade de recolher os testemunhos de 10 jovens, antigos UFM (com idades compreendidas entre os 18 e os 33 anos), bem como os de 9 mentores. A amostra para este estudo foi elaborada com a contribuição de presidentes de associações da rede *France Parrainages* e mostra como a mentoria promove a inclusão e a integração. Existe evidência a suportar o facto de que os mentores proporcionam aos jovens estabilidade emocional. Os testemunhos mostram que os jovens não só conhecem o mentor, mas também o seu marido/esposa, filhos, mãe/pais, etc. No entanto, uma secção do relatório é dedicada a uma informação essencial, que é do ambiente familiar propriamente dito. É frequentemente mencionada uma falta de ambiente saudável no seio da família de acolhimento.

---

<sup>3</sup> <https://www.france-parrainages.org/documents/47>

### 2.3. Grécia

Na **Grécia**, encontrar dados e obter um quadro global sobre a temática é difícil, quer do sector público como do privado. São, no entanto, mantidos dados estatísticos relativos ao número de famílias de acolhimento, mas não existem dados qualitativos relativos ao perfil, antecedentes e características das (potenciais) famílias de acolhimento<sup>4</sup>. O que sabemos do primeiro *Relatório trimestral*<sup>5</sup> do ano de 2022 divulgado pelo Centro Nacional de Solidariedade Social (EKKA) relativamente aos últimos dados relacionados com as famílias de acolhimento e de adoção é que existem atualmente 1.482 crianças (incluindo 73 menores não acompanhados) a viver em unidades de proteção infantil na Grécia, dos quais 602 foram considerados candidatos ao acolhimento e 103 à adoção. No entanto, no mesmo período, houve apenas 377 pedidos de acolhimento de famílias interessadas, em comparação com os 2.332 pedidos de adoção. Isso demonstra, por um lado, um baixo interesse no acolhimento na Grécia, uma vez que a maioria dos futuros pais optam por adotar. Além disso, a maioria das crianças que necessitam de acolhimento têm entre 6 a 12 anos de idade, mas a maioria dos potenciais pais preferem crianças mais jovens. Quanto à idade das famílias de acolhimento, qualquer pessoa com idades compreendidas entre os 25 e os 75 anos pode candidatar-se ao acolhimento, e a diferença de idade entre a criança e a família de acolhimento pode ser de 18 a 60 anos.

Além disso, há uma necessidade de sensibilizar as pessoas para os cuidados de acolhimento e incentivar as pessoas a tornarem-se famílias de acolhimento. Um dos problemas identificados refere-se aos direitos e responsabilidades das famílias de acolhimento não estarem alinhados com as necessidades do dia-a-dia.

Neste sentido, a formação e preparação adequadas das famílias de acolhimento são consideradas essenciais para a gestão dos desafios que estes possam enfrentar. Com base no atual quadro legislativo na Grécia (Decisão Ministerial 4489/11.10.2019), a conclusão bem-sucedida da formação relevante é uma condição necessária para o registo dos candidatos a famílias de acolhimento no Registo Especial de Pais de Acolhimento (artigo 6, parágrafo 2 da Lei 4538/2018) e a sua posterior ligação com as crianças. A formação oferecida aos candidatos interessados

---

<sup>4</sup> 2022, <https://eurochild.org/uploads/2022/02/Greece.pdf>

<sup>5</sup> First Quarter 2022. Data and Figures of the Information System [https://paidi.gov.gr/wp-content/uploads/2022/05/entipo-APRIL-2022\\_BB.pdf](https://paidi.gov.gr/wp-content/uploads/2022/05/entipo-APRIL-2022_BB.pdf)

é gratuita, dura 30 horas e inclui seis módulos que englobam as expectativas dos pais, assistência a crianças com necessidades especiais, compreensão do papel parental, etc. O objetivo é proporcionar às famílias de acolhimento uma melhor compreensão das questões relacionadas com o contexto e os procedimentos de acolhimento, bem como as complexidades da parentalidade no acolhimento. No entanto, deve ficar claro que mesmo que exista formação específica para futuros pais de acolhimento, esta não abrange todos os aspetos dos cuidados a ter no acolhimento. A evidência demonstra uma clara falta de capacitação e formação contínua para as famílias de acolhimento.

Assim, é possível apontar duas grandes questões relativas ao acolhimento na **Grécia**, como se pode conferir em “Cuidados familiares alternativos na Grécia”, anexo ao Manual ALFACA <sup>6</sup>. A primeira é a falta de consciência pública e de conhecimento relativa à realidade do acolhimento, o que leva a pré-conceitos sobre esta medida, o papel dos pais e obrigações e direitos legais. Isto é atribuído ao facto de a Grécia ter uma longa história em matéria de cuidados institucionais e, por conseguinte, a desinstitucionalização, tal como é preconizada nas práticas europeias, tem enfrentado alguns obstáculos. As potenciais famílias de acolhimento preferem candidatar-se à adoção a longo prazo, o que acaba por ser prejudicial para as crianças prestes a serem reunificadas com os seus familiares e necessitam de colocações a curto prazo. Além disso, as expectativas das futuras famílias de acolhimento em relação às crianças de acolhimento representam um desafio adicional. Observa-se que estas estabelecem critérios específicos de idade, sexo e origem, estando interessados em acolher crianças mais jovens originárias de países cuja cultura não é diferente da grega; por conseguinte, os menores não acompanhados não cumprem estes critérios e não são acolhidos.

Além disso, o *Projeto Europeu AMIF*<sup>7</sup> liderado pela organização CIDIS na Itália em colaboração com a KMOP - Social Action and Innovation Centre da Grécia, ISMU da Itália, Porcausa da Espanha, HFC do Chipre e JRS Malta de Malta oferece algumas das principais conclusões tiradas relativamente ao perfil dos pais de acolhimento na Grécia, incluindo a falta de informação sobre o que é o acolhimento e os antecedentes das crianças acolhidas. Por exemplo, as futuras famílias de acolhimento

---

<sup>6</sup> 2019, <https://www.anynet.gr/pubnr/Training>

<sup>7</sup> 2022, FA.B! “Family-based care for children in migration”, <https://www.fabtogether.net>

desconhecem frequentemente que a criança acolhida pode ter uma origem diferente da sua, ou seja, a criança poderá ser refugiada, migrante ou de etnia cigana, ou ter uma cor de pele, origem cultural ou religiosa diferente. Além disso, muitas famílias de acolhimento desconhecem que a criança não é órfã e tem uma família biológica com a qual precisam de estar em contacto. Ao mesmo tempo, alguns pais que se candidatam ao acolhimento conservam frequentemente a esperança de que o acolhimento irá evoluir para a adoção da criança.

Os profissionais que contactam com famílias de acolhimento na Grécia referem que os potenciais pais colocam frequentemente restrições no que toca ao perfil da criança que desejam acolher. Assim, a maioria das famílias pretendem acolher crianças pequenas, de raça branca, de origem grega, e sem deficiências, o que torna extremamente difícil a sua correspondência com a grande maioria das crianças em instituições de proteção infantil. Como resultado, poucas crianças não acompanhadas ou separadas foram acolhidas e os profissionais enfrentaram obstáculos e dificuldades para conseguirem efetivar estas colocações. Especificamente, os pais estão preocupados com o trauma psicológico que as crianças podem ter, a ausência de uma história médica e psicossocial completa e a incapacidade de apoiar uma criança com um perfil cultural e religioso diferente.

#### 2.4. Portugal

Os dados demonstram que **Portugal** apresenta disparidades significativas em relação à legislação atual. No relatório anual<sup>8</sup> desenvolvido pelo Instituto de Segurança Social para 2020, é possível observar que o distrito do Porto - na região norte (Porto, Vila Real, Viana de Castelo e Braga) tem mais crianças e jovens colocados (62%; 73 crianças). A Região Autónoma da Madeira é a segunda zona do país com mais famílias de acolhimento, representando 20% (40 crianças) dos acolhimentos nacionais. Por outro lado, o distrito de Lisboa tinha, à data deste relatório, apenas 18 crianças e jovens colocados em famílias de acolhimento durante este ano. A análise do sistema de acolhimento em Portugal parte da consideração de que, apesar da aprovação em 2019 de uma nova lei de acolhimento, os especialistas argumentam que não há formação e apoio adequados disponíveis para as famílias

---

<sup>8</sup> 2021, CASA 2020 - Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens  
<https://www.seg-social.pt/documents/10152/13200/CASA+2020.pdf/b7f02f58-2569-4165-a5ab-bed9efdb2653>

de acolhimento e que a desinstitucionalização deve continuar a ser uma das prioridades para Portugal. Isto demonstra, de facto, a falta de um quadro adequado para desenvolver mecanismos integrados de apoio comunitário<sup>9</sup>. Em resposta à relativa escassez de literatura sobre o contacto familiar baseada nas experiências de crianças e adultos, foi desenvolvido um estudo pelo InED, o Centro de Investigação e Inovação em Educação da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, intitulado "Contact in Foster Care: patterns, Outcomes and Management Models<sup>10</sup>." O objetivo geral do projeto é investigar os resultados do contacto entre a criança ou jovem em famílias de acolhimento e a sua família de origem ou as razões da sua inexistência ou cessação. O estudo envolveu a aplicação de questionários a grandes amostras de famílias de acolhimento e a supervisão de assistentes sociais centrando-se nas experiências, opiniões e sentimentos das próprias crianças. Os resultados salientaram a importância de desenvolver uma cooperação monitorizada que melhore os processos de comunicação de forma a ter em conta as opiniões das crianças e dos jovens no processo de tomada de decisão e para desenvolver relações de trabalho mais atentas e abertas com os pais durante a colocação em famílias de acolhimento. Alguns dados do estudo demonstram que:

- As crianças e os jovens expressaram a sua opinião sobre o contacto com os pais biológicos e sobre as dificuldades que lhe estão associadas. Estas consistem em experiências emocionais intensas descritas com sentimentos de alegria, mas igualmente de saudade, perda e tristeza por não poderem passar mais tempo com as suas famílias. Em alguns casos, as visitas foram altamente desejadas, mas consideradas escassas e curtas.
- A maioria das crianças e jovens salientaram que consideram importante e bom estar em contacto com os seus pais biológicos e que estão bem integrados em famílias de acolhimento, vendo esta experiência como sendo sobretudo positiva;
- Algumas crianças expressaram o quanto sentiam falta dos seus pais biológicos; contudo, o facto de terem tido contacto permitia-lhes lidar melhor com a separação;

---

<sup>9</sup> 2021, Foster care system in Portugal: challenges and improvements <https://eurochild.org/news/foster-care-system-in-portugal-challenges-and-improvements/>

<sup>10</sup> 2019, Family contact in foster care in Portugal. The views of children in foster care and other key actors [https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/12179/1/Art2\\_Paulo%20Delgado\\_2018.pdf](https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/12179/1/Art2_Paulo%20Delgado_2018.pdf)

• Olhando para as perspetivas das famílias de acolhimento, dos pais biológicos e dos assistentes sociais sobre as reações das crianças e dos jovens antes e depois da visita, é evidente que estes têm opiniões diferentes sobre a mesma realidade. Outro aspeto a ser considerado é que os cuidados associados ao acolhimento familiar estão escassamente representados no sistema de proteção português. Apesar de ser considerada a resposta preferida para a colocação de crianças, os dados mostram que em 2015, das 8.600 crianças com medidas de proteção, apenas 3,5% estavam em famílias de acolhimento (CASA, 2016). Esta invisibilidade é também evidente nos trabalhos da comunidade científica portuguesa (cf. Delgado, 2007). A investigação intitulada “*Being a foster family in Portugal: motivations and experiences*”<sup>11</sup> contribuiu para uma maior visibilidade das famílias de acolhimento ao dar-lhes voz, nomeadamente ao tentar compreender as suas motivações, expectativas, necessidades e impactos pessoais e familiares. Além disso, um artigo intitulado “*Foster care practices and representations of foster families*”<sup>12</sup> visa compreender as práticas e representações destas famílias no que diz respeito ao acolhimento de crianças e jovens. O estudo analisa várias dimensões da esfera familiar e social: a estrutura familiar, a organização da vida quotidiana doméstica, as redes de apoio social e a influência da classe social sobre estas representações. Outro estudo<sup>13</sup> realizado em Portugal visou contribuir para a compreensão das razões para uma família desejar tornar-se família de acolhimento. O estudo adotou uma abordagem qualitativa, utilizando entrevistas de famílias de acolhimento e entrevistas semiestruturadas de profissionais através de uma teoria devidamente fundamentada. As conclusões apontam para a necessidade de uma compreensão mais profunda do perfil das famílias de acolhimento e das famílias que já acolheram no passado de forma a permitir a adoção de estratégias para atrair mais famílias. Desta forma, é necessário um maior conhecimento e envolvimento das crianças acolhidas no processo de tomada de decisões. A qualidade dos serviços de apoio e o desempenho dos profissionais que contactam com famílias de acolhimento são considerados elementos-chave no sucesso da implementação de famílias de acolhimento, na

---

<sup>11</sup> 2017, Being a foster family in Portugal: motivations and experiences <http://hdl.handle.net/10400.14/25873>

<sup>12</sup> 2008, Foster care practices and representations of foster families <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1630/1/Acolhimento%20Familiar.pdf>

<sup>13</sup> 2019, How Do People Become Foster Carers in Portugal? The Process of Building the Motivation <https://pdfs.semanticscholar.org/3fdc/1924b383dea39db8a9c80997d7293b4b9218.pdf>

sensibilização, nas campanhas de recrutamento e na seleção, preparação e manutenção dos candidatos. De acordo com outra investigação<sup>14</sup>, em Portugal, os pais de acolhimento não se sentem sobrecarregados porque as crianças são vistas como fazendo parte da família e integradas na família durante um longo período. Esta investigação levanta outra questão relacionado com o sexo dos membros da família de acolhimento. Nomeadamente, a divisão de responsabilidades no seio do casal parece dar à mulher as tarefas essenciais de acolhimento, tais como a organização do contacto com a família biológica e a gestão das consequências deste para a criança. Isto aponta para uma divisão desigual de tarefas e responsabilidades no seio da família de acolhimento.

## 2.5. Roménia

Na **Roménia**, a pesquisa documental mostra que não existe um perfil claro sobre as famílias de acolhimento porque a maioria das famílias opta pela adoção ou, na maioria dos casos, a comunidade e/ou o acesso a programas com financiamento público ou privado. Alguns contributos vêm da UNICEF Roménia<sup>15</sup> que mostra como é possível uma nova vida para cada vez mais crianças, uma vez que o número de crianças adotadas e das famílias certificadas para acolhimento aumentou em um terço nos primeiros três meses de 2021. Contudo, é evidente que a primeira escolha das famílias é a adoção e não o acolhimento.

A prioridade na Roménia, como evidenciado por numerosos estudos, é a desinstitucionalização<sup>16</sup>. A evidência diz que quando as crianças crescem fora de um ambiente familiar, as suas hipóteses de desenvolverem todo o seu potencial diminuem. A investigação demonstrou que, por cada três meses que uma criança com menos de três anos passa dentro de uma instituição, o seu desenvolvimento físico atrasa-se em um mês. Existe também o risco de atrasos no desenvolvimento cognitivo e linguístico, acrescentando o estigma social, uma vez que as crianças que crescem

---

<sup>14</sup> 2019, Foster Carers' Perspectives about Contact in Portugal and Spain  
<https://bettercarenetwork.org/sites/default/files/2019-11/4502-20423-1-PB.pdf>

<sup>15</sup> 2021, Child Rights Strategy (The National Strategy on the Protection and Promotion of Children's Rights)  
[Child Rights Strategy | UNICEF Romania](#)

<sup>16</sup> 2018, Deinstitutionalization: for every child, a loving family  
<https://www.unicef.org/romania/deinstitutionalization>

em instituições são muitas vezes consideradas diferentes e, em consequência, são marginalizadas.

## 2.6. Áustria

Na **Áustria**, após uma diminuição significativa em 2010, cada vez mais crianças e adolescentes vivem integradas em famílias de acolhimento ou através de diversos cuidados fora de casa. As famílias de acolhimento recebem predominantemente bebês e crianças com menos de 6 anos de idade, havendo, no entanto, cada vez mais adolescentes a viver em casas residenciais. No entanto, as crianças são colocadas em instituições com base num acordo ou na sequência de uma ordem judicial<sup>17</sup>. O governo austríaco fornece legislação para proteger as crianças e os jovens até à idade de 18 anos. Quando os pais biológicos, ou os responsáveis pelos cuidados e educação da criança não conseguem corresponder às suas necessidades, existe a possibilidade de consentirem uma oferta de apoio que se baseia num acordo escrito entre a família e a autoridade de assistência social à criança e ao jovem. Caso não se consiga chegar a acordo, a decisão judicial entrará em vigor. De qualquer forma, não existem números recentes disponíveis que indiquem o número atual de crianças que vivem em famílias de acolhimento. Ainda assim, o relatório de 2018 mostra que a maior percentagem de crianças e adolescentes a viver em acolhimento residencial encontra-se na capital em Viena e em Caríntia com 12,3 por 1000 menores e 11,5 por 1000 crianças, respetivamente. O mesmo relatório refere igualmente que a região de Tirol tem a menor percentagem de crianças a viver em acolhimento residencial com 1,8 por 1000 menores.

O relatório “*Opening Doors for Europe’s Children*<sup>18</sup>” revela que em 2017, 13.617 crianças viviam em cuidados alternativos na Áustria: dessas, 8.307 crianças em acolhimento residencial (as chamadas instalações pedagógicas sociais) e 5.310 crianças em famílias de acolhimento. Isto aumentou ainda mais a disponibilidade de apoio financeiro e assistência prestada aos serviços de assistência social à criança. A Áustria tem continuado a investir em projetos de melhoria da qualidade e dos padrões de acolhimento através da formação e sensibilização da comunidade de forma a demonstrar que o acolhimento é uma alternativa adequada. Além disso, o

---

<sup>17</sup> 2018, Out-Of-Family Care of Children <https://www.kinderrechte.gv.at/factbook-english/children-in-care/>

<sup>18</sup> 2018, Opening doors for Europe’s Children <https://www.openingdoors.eu/wp-content/uploads/2019/03/country-fiche-Austria-2018.pdf>



afluxo de crianças migrantes desacompanhadas contribuiu grandemente para o aumento do número de crianças, causando um grande desafio financeiro. No entanto, algumas organizações internacionais têm-se mostrado à altura de prestar apoio às casas de acolhimento. A Áustria é um dos 12 países membros que promovem a iniciativa de abertura de portas para assegurar cuidados de acolhimento de alta qualidade na Europa. No entanto, de acordo com Raphael Hoblings<sup>19</sup>, o chefe do departamento de Assistência à Criança e ao Jovem no Tirol, existe efetivamente uma procura urgente de pais de acolhimento para estas crianças (0-3 anos). Este refere que as famílias têm de estar prontas a proporcionar-lhes amor e cuidados; explicando que uma família de acolhimento é uma experiência gratificante em que se trabalha em estreita colaboração com os serviços de assistência à criança e ao jovem. Efetivamente, os serviços de assistência à criança e ao jovem não só verificam regularmente se a criança se integrou bem na sua nova família de acolhimento, mas também prestam aconselhamento e apoio em situações difíceis.

Assim, o que emerge em toda a investigação<sup>20</sup> na Áustria é a necessidade de um tipo específico de formação para os diversos desafios no cuidado das crianças de origem migrante. Há também uma elevada prioridade para os profissionais compreenderem os desafios enfrentados por estas crianças migrantes não acompanhadas, a fim de lhes proporcionar os mais elevados padrões de cuidados e proteção. A experiência demonstra que estes necessitam de cuidados familiares em detrimento das residenciais, que tem sido a escolha mais prevalente na Áustria. Muitas unidades habitacionais UMC estão fechadas desde 2018, o que torna ainda mais difícil o acesso para estas crianças. A pesquisa refere ainda que a Áustria não tem fornecido apoio psicológico adequado às crianças, tornando-se difícil estabelecer uma ligação direta com os pais de acolhimento.

## 2.7. Itália

---

<sup>19</sup> 2020, Urgent search foster family to give love and security [https://www.meinbezirk.at/innsbruck/c-lokales/pflegefamilie-soll-liebe-und-geborgenheit-geben\\_a5079412](https://www.meinbezirk.at/innsbruck/c-lokales/pflegefamilie-soll-liebe-und-geborgenheit-geben_a5079412)

<sup>20</sup> 2019, Fostering Across Borders <https://eea.iom.int/sites/g/files/tmzbdl666/files/documents/FAB-Final-Programme-Report.pdf>

Na **Itália**, uma análise<sup>21</sup> referente às famílias de acolhimento analisou a experiência do acolhimento. Foram primeiro identificadas as principais características sociodemográficas dos cuidadores e da sua família, as características da relação com os serviços sociais estatais, as razões das famílias terem acolhido uma criança, bem como as dificuldades encontradas e as emoções suscitadas pela experiência como um todo.

Um artigo científico<sup>22</sup> publicado no *Jornal de Estudos Educativos, Culturais e Psicológicos* afirma que o acolhimento é uma maneira de crianças em vias de acolhimento, vindas de famílias com percursos vulneráveis, de garantirem um espaço adequado ao seu crescimento e de possibilitar que as famílias de origem ultrapassem as suas dificuldades e, em última instância, permitir o regresso das crianças à sua família biológica. É uma condição educacional desafiante a ser aprofundada na investigação. A complexidade do background das famílias e a presença de múltiplos fatores de risco leva a que as crianças e jovens colocadas em famílias de acolhimento, enfrentem dificuldades significativas a nível do desenvolvimento. Estas dificuldades terão que ser enfrentadas pelas famílias de acolhimento, que contarão com o apoio de especialistas e de diversas associações. A investigação tem abordado também as relações com as famílias de origem, e as difíceis trajetórias de vida das crianças que são colocadas em famílias de acolhimento (transições, colocações, descontinuidades, anos de acolhimento, e continuação das relações após o acolhimento). Desta forma, é possível identificar as necessidades salientadas pelas crianças, os problemas que surgem e as estratégias promissoras adotadas pelas famílias de acolhimento.

Na documentação<sup>23</sup> existente sobre o sistema de acolhimento em Itália, há uma prevalência generalizada de custódia intrafamiliar especialmente nas regiões do Sul próximas ou acima do limiar dos 60%. Vários fatores afetam as diferentes culturas e

---

<sup>21</sup> 2014, L'affido familiare, una ricerca quantitativa sulle esperienze degli affidatari <https://ainformazione.files.wordpress.com/2015/02/tesi-urso-affido-familiare.pdf>

<sup>22</sup> 2001, L'affidamento familiare: le strategie educative elaborate dagli affidatari <http://www.anfaa.it/wp-content/uploads/2021/12/L%E2%80%99affidamento-familiare-le-strategie-educative-elaborate-dagli-affidatari.pdf>

<sup>23</sup> 2021, L'AFFIDAMENTO FAMILIARE A PARENTI. Opportunità e criticità [https://fad.progettofamigliaformazione.it/pluginfile.php/111456/mod\\_resource/content/1/Laffidamento%20familiare%20a%20parenti.pdf](https://fad.progettofamigliaformazione.it/pluginfile.php/111456/mod_resource/content/1/Laffidamento%20familiare%20a%20parenti.pdf)

laços familiares, os diferentes papéis e níveis de estruturação dos serviços sociais, a difusão das associações familiares, as características socioeconómicas gerais, etc. Um fator significativo, embora não único, diz respeito ao grau de desenvolvimento de políticas e de bem-estar local, e despesa municipal per capita em serviços sociais. O acolhimento de crianças no seio da sua família alargada, por períodos mais ou menos prolongados, é uma prática já antiga. Avós, tios e tios-avós oferecem a sua hospitalidade e cuidados aos seus netos, com caracterizações e significados muito variados, tanto ao longo do tempo como no espaço. É uma realidade multidimensional complexa, na qual mil trajetórias sociais, culturais, económicas, éticas, legais, geográficas, etc. se entrelaçam.

## 2.8. República Checa

A **República Checa** oferece políticas de mudanças na área das famílias de acolhimento que foram elaboradas com base na experiência prática em campo e na colaboração entre as diversas instituições. A orientação metodológica, a interpretação da lei e das práticas recomendadas, varia de região para região, pelo que a recomendação é de unificar a orientação metodológica e o apoio na assistência a famílias de acolhimento.

Em relação à seleção e formação das famílias de acolhimento, os profissionais lidam repetidamente com famílias que não estão preparadas para as necessidades específicas das crianças, que estão frequentemente traumatizadas, pelo que a recomendação é de investir numa seleção cuidadosa dos pais de acolhimento, tendo em conta a sua situação familiar e relações interpessoais. Assim, é importante oferecer uma formação às famílias de acolhimento que consista numa experiência capacitadora e passiva. É necessário educar e fornecer informação às famílias de acolhimento sobre como procurar ajuda profissional. A investigação aponta para outras questões que requerem atenção, como o confiar as crianças com características específicas aos cuidados de famílias de acolhimento adequadas a essas necessidades; a cooperação com o OSPOD; problemas relacionados com os gabinetes de trabalho municipal ou estatal; e formação para que os profissionais tenham também em consideração as necessidades das famílias de acolhimento.

Além disso, a investigação revela problemas ao nível dos serviços de assistência pós-parto que mostra uma falta de pediatras e psiquiatras infantis com conhecimentos

acerca do acolhimento de crianças e sensibilizados para esta medida. Contudo, um dos problemas que mais emerge é o subfinanciamento total do sector do acolhimento. Os dados estatísticos<sup>24</sup> mostram que na República Checa, 7% das crianças estão em famílias de acolhimento temporário, o que significa que o tempo máximo para que as crianças regressem à sua família de origem é de algum ano. Em alguns casos, estas crianças são colocadas para a medida de adoção. Contudo, 25% das crianças estão em famílias de acolhimento a longo prazo, especialmente as crianças que dificilmente poderão regressar às suas famílias de origem. As crianças permanecem nessas famílias de acolhimento durante vários anos, muitas vezes até atingir a idade adulta. Relativamente aos dados sobre o género dos pais de acolhimento, 56% são mulheres, 37% casais, e 7% são homens; 34% das famílias de acolhimento têm entre 51 e 60 anos, 32% entre 41 e 50 anos, 20% mais de 60 anos, 11% entre 31 e 40 anos e 3% entre 20 e 30 anos.

Na República Checa, um inquérito <sup>25</sup> sobre o acolhimento no seio da família alargada<sup>26</sup> visou identificar as necessidades dos pais que têm os seus filhos integrados na medida de acolhimento familiar; os resultados da análise das necessidades mostram de forma consistente e abrangente a falta de informação sobre o acolhimento durante o período de tomada de decisão e logo após a criança ser colocada em acolhimento; é evidente uma falta de informação completa e precisa sobre o acolhimento na sua fase inicial; inconsistência e falta de transparência das instituições estatais envolvidas (OSPOD, tribunais) na abordagem ao acolhimento. O OSPOD foi identificado como a principal fonte de informação sobre o assunto. Verificou-se, no entanto, que a informação dada por diferentes gabinetes do OSPOD era inconsistente e insuficiente. Ao mesmo tempo, alguns participantes mencionaram a quantidade de informação fornecida pelos serviços do OSPOD. Muitas vezes, as ações administrativas do OSPOD, ou mesmo dos tribunais, não são compreendidas

---

<sup>24</sup> 2019, Foster families in the Czech Republic Basic characteristics of foster parents and children in foster care <https://www.nadacesirius.cz/soubory/ke-stazeni/Analiza-Pestounske-rodiny-v-Ceske-republice.pdf>

<sup>25</sup> 2020, Kinship Foster Care – needs analysis <https://www.nadacesirius.cz/vyzkumy/pruzkumy-v-oblasti-nrp/pestounska-pece-pribuznych-analyza-potreb>

<sup>26</sup> The difference between Kinship and foster care: <https://fosterandadopt.ifs.ohio.gov/kinship-care/resources-for-kinship-caregivers/kinship-vs-foster-care#:~:text=Kinship%20caregivers%20are%20able%20to,and%20complete%20the%20homestudy%20process.&text=Kinship%20caregivers%20undergo%20a%20E2%80%9Chome,%E2%80%9D%20and%20E2%80%9Ccertification%E2%80%9D%20process.>

pelos prestadores de cuidados, ou pelos serviços de segurança social. Outro aspeto demonstrado no inquérito é a necessidade de um maior apoio profissional aos pais em caso de uma crise em que é necessário recorrer a instituição de acolhimento ou outras soluções. Por exemplo, os as famílias de acolhimento necessitam de apoio psicológico, sócio-legal, financeiro, entre outros tipos de apoio profissional antes de acolherem uma criança. A investigação mostra que muitas famílias de acolhimento com laços familiares pré-existentes considerariam irrealista desempenhar o papel de família de acolhimento sem apoio financeiro. A razão liga-se ao facto de estas não têm muito tempo para se preparar financeiramente para o acolhimento e as famílias de acolhimento que trabalham têm dificuldade em combinar empregos, cuidados infantis com a educação necessária.

Uma conferência intitulada '*Current challenges in the system of care for vulnerable children*'<sup>27</sup> focou-se igualmente nesta temática. Foram abordadas as seguintes questões-chave:

- Na República Checa, o número de crianças que crescem fora da sua própria família está a aumentar (+14% = 3500 crianças).
- Há muitas crianças que necessitam de proteção mas que não são colocadas em ambiente de acolhimento familiar (crianças com problema médicos, mentais ou ambos; crianças maltratadas, negligenciadas; crianças e jovens que requerem maior atenção).
- O número de candidatos ao acolhimento diminuiu significativamente desde 2014 (-60%).
- O sistema checo de acolhimento familiar oferece apenas soluções limitadas e as transições entre os diferentes tipos de cuidados são demasiado radicais. Falta alguma regularização ligada aos tipos de cuidados partilhados entre famílias de acolhimento e de origem, ao acolhimento praticado como profissão (dentro de uma relação de trabalho), e o acolhimento de crianças a longo prazo em transição para a adoção.

Com base nestas questões-chave e num argumento chave, que é "*Nurturing in the family environment is crucial for optimal child development*," várias soluções têm sido

---

<sup>27</sup> 2022, Substitute Family Care - how should it change to better meet children's needs. Conference "Current challenges in the system of care for vulnerable children" <https://www.nadacesirius.cz/vyzkumy/o-situaci-v-rodinach>

propostas, nomeadamente, uma reforma do acolhimento familiar como parte da mudança global do sistema. Em relação ao acolhimento: o reforço dos serviços de prevenção e outras atividades de apoio às famílias com crianças; a clarificação das competências das autoridades públicas e a unificação dos instrumentos de ajuda às famílias; a implementação de novos tipos de acolhimento, incluindo o acolhimento profissional, para proporcionar um ambiente familiar às crianças que atualmente dependem de cuidados institucionais; a implementação de elementos motivadores para encontrar novos candidatos ao acolhimento familiar, assegurando a continuidade do apoio às famílias substitutas (antes e depois da colocação da criança); a emergência de novas formas de acolhimento familiar (famílias auxiliares, acolhimento partilhado, acolhimento profissional, acolhimento de emergência - colocação imediata de uma criança em situações de crise sem necessidade de uma decisão judicial); profissionalização parcial do acolhimento familiar. A possibilidade de as famílias de acolhimento trabalharem a tempo inteiro; continuidade do apoio às famílias de acolhimento e de nascimento da criança - desde a procura de candidatos até à assistência contínua a jovens adultos.

As evidências apontam para falhas no sistema de acolhimento na República Checa; os dados mostram que o número de crianças em famílias de acolhimento de longa duração duplicou desde 2007. Mais de 15.000 crianças estão atualmente a crescer em famílias de acolhimento, enquanto menos de 8.000 crianças vivem em contexto de acolhimento residencial. Apesar dos factos positivos, há vozes críticas que relatam que muitas crianças colocadas em famílias de acolhimento acabam em instituições ou que as crianças transitam repetidas vezes de uma família de acolhimento para outra. Nas estatísticas que têm sido conduzidas até agora, não é possível verificar estas alegações. Por este motivo, a *Lumos* decidiu realizar um inquérito em grande escala<sup>28</sup> entre as *OSPOD* (autoridades de bem-estar infantil) sobre a cessação antecipada dos cuidados de acolhimento. As principais conclusões dessa pesquisa mostram que 9 de 10 colocações em famílias de acolhimento têm sucesso (a permanência nos cuidados termina geralmente com o regresso à família, com a adoção na família de acolhimento ou devido à idade adulta); todos os anos 2.000 crianças acabam em famílias de acolhimento, 150 a 200 desses acolhimentos não

---

<sup>28</sup> 2020, Early termination of foster care in the Czech Republic - Is foster care in the Czech Republic failing?  
[https://lumos.contentfiles.net/media/assets/file/Lumos\\_SHRNUTI\\_predcasne\\_ukonceni\\_pp.pdf?](https://lumos.contentfiles.net/media/assets/file/Lumos_SHRNUTI_predcasne_ukonceni_pp.pdf?)

são bem-sucedidas; esse insucesso ocorre mais frequentemente após sete anos de acolhimento e quando uma criança tem entre 13 e 14 anos de idade; a principal razão é o comportamento da criança e problemas na relação da criança com a família de acolhimento; a transferência de crianças de uma família de acolhimento para outra é rara.

À luz destes dados, algumas recomendações que foram propostas são: intensificar a procura de potenciais famílias de acolhimento; melhorar a qualidade da formação e avaliação profissional em cuidados familiares substitutos mediados; implementar a avaliação profissional em cuidados familiares substitutos não mediados; melhorar a qualidade da correspondência; melhorar o apoio às famílias de acolhimento através de um maior acompanhamento e normalizar a qualidade das famílias de acompanhamento; melhorar a qualidade do acompanhamento do desempenho das famílias de acolhimento; normalizar a formação das famílias de acolhimento e apoiar o estabelecimento e desenvolvimento de serviços baseados na comunidade para famílias de acolhimento.

### **3. Resultados das entrevistas grupais e individuais com famílias de acolhimento**

Após a análise dos resultados do primeiro grupo focal realizado com profissionais e especialistas no que diz respeito ao sistema de acolhimento, o consórcio implementou um segundo grupo focal para incluir as perspetivas e experiências das famílias de acolhimento e das crianças acolhidas. Isso foi feito para construir um perfil das famílias e as suas necessidades, bem como para abordar o tema das crianças não acompanhadas no sistema de acolhimento.

O objetivo foi comparar e mostrar a situação das famílias de acolhimento em todos os países parceiros, refletindo sobre as dificuldades, as necessidades e a perceção dos menores ao implementar algumas atividades com estes.

Das experiências dos parceiros com grupos focais nacionais surgiu uma enorme dificuldade em alcançar tanto as famílias de acolhimento como as crianças. Na

maioria dos casos, os profissionais foram utilizados como mediadores entre os parceiros e as famílias de acolhimento para a submissão e recolha das questões dos grupos focais. Isto aconteceu principalmente devido a uma falta de confiança, visto que as famílias sentem a necessidade de salvaguardar a sua privacidade, mas também devido ao baixo número de famílias de acolhimento. Todos estes fatores dificultaram a recolha de dados e o alcance do número esperado do grupo-alvo. O mesmo aconteceu com as crianças; neste caso, a situação era ainda mais complicada, pois muitos parceiros não tinham acesso a este grupo alvo e os profissionais não podiam atuar como intermediários. Especificamente, a **Áustria** teve contacto com as autoridades estatais responsáveis pelo recrutamento de famílias de acolhimento, que ajudou a divulgar o pedido de contacto. No entanto, obteve uma resposta diminuta. O parceiro austríaco conduziu as entrevistas com famílias e crianças de forma individual. Além disso, o método previsto no projeto para trabalhar com as crianças acolhidas de forma lúdica não foi, infelizmente, praticável.

No caso da **Itália**, entrevistaram-se seis famílias: três famílias de acolhimento na categoria de acolhimento intrafamiliar, ou seja, as crianças não foram colocadas com estranhos, mas com familiares (tios, avós, etc.) e três famílias na categoria de acolhimento hetero-familiar. Contudo, não foi fácil entrar em contacto com estes para ter a oportunidade de conduzir o grupo focal. O parceiro italiano solicitou a mediação de assistentes sociais, que atuaram como intermediários, preparando as famílias para a reunião que se realizou por telefone e de forma individual.

Na **Roménia**, o parceiro conduziu dois grupos focais com sete famílias de acolhimento, um online e um em formato físico. Para reunir os participantes, enviaram vários e-mails a instituições públicas com serviços específicos para famílias de acolhimento, encontrando na Direcção Geral de Assistência Social e Protecção da Criança do Distrito 3 em Bucareste os dois intermediários para recrutar famílias.

Na **Grécia**, o grupo focal realizou-se nas instalações do Centro de Dia "ARIADNI", tendo participado sete famílias recrutadas através de outras iniciativas.

Na **República Checa**, as entrevistas foram realizadas em formato online com quatro famílias de acolhimento, tendo sido igualmente difícil encontrar pais de acolhimento dispostos a partilhar as suas experiências. Muitas vezes não houve respostas efetivas à chamada de colaboração por parte das famílias de acolhimento.



Em **Portugal**, as entrevistas foram realizadas com três mães de acolhimento que forneceram informações sobre três processos diferentes de medidas de acolhimento; em particular, uma das famílias acolheu a criança enquanto casal, as outras duas enquanto mães solteiras; e uma das mães já tinha um filho biológico.

Em **França**, foi muito difícil contactar e entrevistar famílias de acolhimento, uma vez que as crianças não acompanhadas não vivem com famílias de acolhimento; isto é raro e frequentemente informal. Assim, o grupo focal foi realizado através de um questionário e envolveu duas famílias de acolhimento que acolhem voluntariamente menores não acompanhados.

Em geral, dado o elevado grau de dificuldade de envolver as famílias de acolhimento na atividade dos grupos focais, cada país parceiro adaptou as entrevistas à situação específica; esta é também a razão pela qual muitos grupos focais se transformaram em conversas diretas com as famílias por telefone ou através reuniões em Zoom, para facilitar a recolha dos dados e informações necessárias.

### 3.1 Caminho para se tornar família de acolhimento.

Na **Áustria**, as entrevistas sublinharam diferentes formas e razões de acolher crianças:

- a) Famílias de acolhimento que não podiam ter filhos biológicos por razões médicas e que, por isso, tentavam a via do acolhimento;
- b) Famílias de acolhimento que decidiram receber crianças acolhidas, apesar de terem tido a oportunidade de ter filhos biológicos;
- c) Famílias que têm filhos biológicos e que decidem receber crianças principalmente por razões humanas.

Em **Itália**, algumas famílias explicaram que tinham feito um curso no centro de aconselhamento familiar durante cerca de três meses para compreender o que enfrentariam e obter ferramentas úteis assim que se tornassem uma família de acolhimento. Outras afirmaram que não tiveram um caminho direto; apenas recorreram aos Serviços Sociais porque já estavam a acompanhar dois irmãos, filhos de um casal com grandes problemas económicos e degradação social, familiar e educacional (as crianças encontravam-se frequentemente abandonadas). As crianças já estavam aos cuidados dos Serviços Sociais de Cerignola por estes mesmos

problemas; através da assistente social do município, começaram a formalizar a assistência das crianças; foram igualmente ouvidas pelo tribunal que decidiu confiá-las a essa família. Uma outra família relatou que se tinha dirigido a uma associação nacional em cooperação com o centro de acolhimento local. Realizaram entrevistas e visitas domiciliárias para avaliar as suas "competências parentais". Através desta associação, a família foi contactada pela assistente social do Município de Cerignola e pelo *Consultorio Familiare* para avaliar a possibilidade de conhecer dois irmãos adolescentes que acolheram posteriormente.

Sobre a **Grécia**, o que resultou da discussão com os participantes é que alguns deles tentaram ter um filho, mas isso foi impossível devido a questões médicas. À procura de formas alternativas, encontraram o acolhimento. Um dos participantes decidiu por si próprio acolher uma criança. Depois, todas as famílias contactaram as organizações responsáveis para as orientar sobre a forma de realizar os procedimentos legais e oficiais do acolhimento.

Em **Portugal**, obtivemos caminhos legais diversificados para se tornar uma família de acolhimento. Uma das participantes declarou que sempre gostou de crianças e vem de uma grande família com muitos filhos. A sua formação está ligada a crianças e necessidades especiais porque tem um irmão com síndrome de Down. Durante a sua formação em educação especial, visitou uma casa de acolhimento, ficando sensibilizada para as necessidades constantes das crianças em receberem cuidados e amor, e decidiu ser candidata a acolher uma criança, motivada pelas mudanças na legislação sobre famílias de acolhimento. Para se candidatar, enviou uma solicitação à Santa Casa da Misericórdia <sup>29</sup> e acolheu uma criança que tinha, nessa altura, 20 meses. Outra participante explicou que o processo foi diferente e atípico pois a família em questão era vizinha da família biológica da criança acolhida. Devido a um processo de violência no seio da família biológica, a família de acolhimento foi envolvida como testemunha no processo. Uma vez que conheciam a criança, e já tinham uma relação com ela, o casal acolheu a criança no seu agregado familiar de uma forma informal. Mais tarde a CPCJ<sup>30</sup> pediu ao casal para se tornar oficialmente numa família de acolhimento e o processo foi iniciado. Há que dizer, no entanto, que existe uma preocupação de incerteza neste caminho, uma vez que, em Portugal, a

---

<sup>29</sup> Portuguese Entity responsible of Foster care

<sup>30</sup> CPCJ (Comissão de Proteção de Crianças e Jovens) - non-judicial institutions, with functional autonomy, which aim to promote the rights of children and young people and prevent or end situations that may affect their safety, health, training, education or integral development

medida de acolhimento é revista de seis em seis meses. Portanto, a situação familiar biológica é avaliada constantemente com o objetivo de compreender se a família biológica conseguiu reestruturar-se e se a criança pode regressar a casa. Se esse não for o caso, geralmente o processo de acolhimento continua durante mais seis meses. Outra participante disse que se candidatou a ser família de acolhimento após receber no correio um panfleto da instituição *Mundos de Vida*<sup>31</sup>. Após ter feito uma chamada de demonstração de interesse com a instituição, teve uma reunião com os técnicos do *Mundos de Vida* e o processo iniciou-se com a formação inicial (que normalmente pode demorar entre 4 a 5 meses). No final do processo, recebeu um telefonema para a informar que podia acolher uma criança que na altura tinha dez anos de idade. Agora a criança já tem 18 anos, e apesar da criança já ter atingido a maioridade, foi decidido que ela irá continuar em acolhimento de acordo com o melhor interesse da criança.

Em **França**, existe uma associação que ajuda os refugiados a enfrentar situações de desigualdade e há casos em que os voluntários da associação oferecem alojamento a menores e cuidam destes no seu seio familiar.

### 3.2 Obstáculos enfrentados para se tornar família de acolhimento.

A maioria das famílias com as quais foram realizadas entrevistas na **Áustria** declarou que teve problemas com as famílias de origem. Houve muitas situações difíceis com as quais as famílias de acolhimento foram confrontadas e com as quais tiveram de lidar. Em alguns casos, as famílias afirmaram que a criança acolhida queria o contacto com os pais biológicos. No entanto, após cada visita a criança mal respondia durante alguns dias. Num dos casos, a família de acolhimento teve de chamar a assistência social para a ajudar a lidar com a situação. A criança acolhida foi então enviada para um centro de crise. Esta situação foi altamente dramática para todos os envolvidos. Para lidar com estas situações ambivalentes e problemáticas, as famílias desejam uma supervisão direcionada por parte das autoridades. Além disso, a maioria dos pais de acolhimento temem que as crianças possam ser devolvidas à família de origem a qualquer momento, sem aviso prévio. Essa reflexão é muito stressante para a grande maioria das famílias, mesmo que a taxa de regresso seja baixa na maioria dos casos.

---

<sup>31</sup> Portuguese Entity responsible of Foster care

Outro obstáculo enfrentado pelas famílias é o medo de que as crianças fossem estigmatizadas e discriminadas na escola e entre amigos.

O maior obstáculo para as famílias em **Itália** foi sem dúvida o impacto de ter crianças novamente em casa após tantos anos. Alguns entrevistados disseram que os seus filhos são agora adultos, na casa dos 40 anos, e que acolher crianças e adolescentes tornou-se um verdadeiro desafio. Por vezes, sentem-se perdidos, mas o apoio do centro de aconselhamento e dos assistentes sociais permitiu-lhes criar uma relação, apegar-se às crianças e vice-versa. Outra família de acolhimento intra-familiar disse que muitas vezes se sentiam sozinhas e abandonadas pelo sistema, porque se toma como certo que, por serem avós, é automático que tenham de cuidar das suas netas. Ainda assim, é muito difícil "serem pais" na sua idade já mais avançada. Além disso, uma das famílias relatou que, muitas vezes, teve de se conformar com as expectativas que tinha criado ao ser uma família de acolhimento, em comparação com a realidade diária. No seu caso, a presença de uma parte da família de origem não lhes permitia abranger facilmente as necessidades das crianças acolhidas.

Para a **Roménia**, a fraca educação do grande público, bem como do pessoal de algumas instituições públicas relativamente ao sistema de acolhimento, é um dos obstáculos enfrentados para se tornar uma família de acolhimento. Outro obstáculo é de cariz burocrático. Isso significa que os cuidadores precisam de uma ajuda mais consistente por parte das autoridades quando se deparam com situações especiais com os seus filhos em situação de acolhimento. Um grande problema é um termo que se refere à profissão de assistente materno/cuidador de acolhimento, ainda desconhecida a nível macro e institucional. Em torno desta questão, é importante mencionar os casos de crianças apátridas, cujo processo de obtenção da cidadania é difícil e cuja cooperação com as autoridades responsáveis não é de todo fácil. Duas desvantagens adicionais da profissão são a recompensa e o apoio financeiro e a falta de períodos de férias. Por outras palavras, os prestadores de cuidados são pagos com salários abaixo da média, e recebem uma quantia para apoiar a criança que não é suficiente para acomodar as suas necessidades, uma vez que a sua profissão não proporciona períodos de férias; precisam de atuar apesar do cansaço, acumulação de stress ou quaisquer outras situações que possam ocorrer.

Os participantes na **Grécia** declararam que tinham refletido bastante antes de decidirem pela via do acolhimento. Ainda assim, as dificuldades que enfrentaram foi

diversa. Especialmente uma falta de orientação de apoio e aconselhamento adequados de que necessitavam. Outro obstáculo são os problemas com os pais biológicos principalmente devido às suas diferentes origens culturais: preocupam-se com as implicações do acolhimento do seu filho biológico por uma família grega e como isso pode implicar em termos de preservação da sua identidade cultural de origem. No que diz respeito às potenciais famílias de acolhimento faltam-lhes informações. Muitas vezes desconhecem que a criança que acolhem pode ter um passado, vida e cultura muito diferente. As famílias de acolhimento por vezes não têm consciência de que a criança pode ser refugiada, imigrante ou de etnia cigana ou ter uma cor de pele ou um passado cultural e religioso diferente. Ao mesmo tempo, muitos pais de acolhimento desconhecem que a criança que vão acolher não é órfã, mas provavelmente tem uma família biológica com a qual precisam de continuar a estar em contacto.

Entre os obstáculos na **República Checa**, os participantes sublinharam a burocracia desnecessária e a dificuldade em compreender o sistema legislativo e a forma como funciona a medida de acolhimento. As responsabilidades das famílias de acolhimento são claras, mas os seus direitos não o são e existe uma inconsistência na transmissão da informação e uma falta de interesse por parte das autoridades. A falta de informação sobre a criança a ser acolhida torna a experiência difícil. Uma criança estrangeira que não tenha todos os documentos necessários tem de esperar muito tempo para que as autoridades tomem medidas adequadas. Entretanto, caso a criança necessite de assistência médica, não a pode receber por não ter os documentos necessários.

Os obstáculos apontados pelos participantes em **Portugal** estavam sobretudo ligados às características da criança, à articulação com a família biológica, ao tempo que leva ao tribunal a decidir sobre a criança, à falta de apoio dos próprios profissionais de assistência social, à adaptação das crianças acolhidas às novas famílias, bem como às dificuldades burocráticas e logísticas. Embora uma das participantes tenha declarado considerar o processo de acolhimento muito bem-sucedido, assinalou algumas dificuldades no que diz respeito às características da criança. O principal obstáculo para esta família de acolhimento fora a forma como o sistema funciona, ou seja, apesar da mãe biológica não ser uma alternativa para o futuro desta criança (de acordo com os profissionais), é obrigatório continuar com as visitas à família biológica,

mesmo quando a criança se recusa a estar com a família biológica. Outra questão mencionada pela participante é a falta de apoio institucional por parte da segurança social na ajuda psiquiátrica para com a criança acolhida. Uma das participantes, estando envolvido num processo de acolhimento de longa duração, mostrou uma perspetiva diferente dos obstáculos, afirmando que os obstáculos mudaram muito, bem como as alterações legislativas moldaram estas dificuldades. Além disso, os participantes descreveram, mais uma vez, as questões burocráticas como um obstáculo. O acolhimento é uma medida pouco conhecida, o que causa dificuldades por vezes em questões não previstas quando se trata de entidades burocráticas, tais como matricular crianças numa escola, levá-las ao médico, conseguir-lhes livros e o facto de a legislação não prever dias de licença parental suficientes. Outros problemas mencionados foram a necessidade de diálogo e articulação com uma multiplicidade de pessoas: a própria família, a família biológica, o tribunal, a entidade responsável pelo acolhimento, o instituto de segurança social e o esquema constante de avaliação, que deixa menos tempo para a criança e para a vida pessoal.

Em **França**, as famílias explicaram que o obstáculo mais importante é a falta de disponibilidade porque trabalham e têm de ter em conta os outros membros da família, o que é extremamente difícil.

### **3.3 Obstáculos que as crianças enfrentam em famílias de acolhimento.**

Na **Áustria**, o principal obstáculo mencionado é o facto de as crianças acolhidas encontrarem-se divididas entre os pais biológicos e as famílias de acolhimento. Por um lado, querem manter o contacto com os seus pais biológicos e visitá-los frequentemente. Por outro lado, esse contacto pode criar conflitos de lealdade com os pais de acolhimento, e têm de encontrar formas de lidar para que a prática do acolhimento não seja interrompida ou comprometida. O receio é que as visitas organizadas pelas autoridades possam conduzir a graves problemas para as crianças acolhidas, que poderiam ter dificuldades na fase inicial das visitas com os pais biológicos.

Outro ponto mencionado por quase todas as famílias é que os pais biológicos tentam sempre recuperar os filhos, exigindo mais reconhecimento e respeito. Como resultado, as crianças voltariam a sofrer.

Em **Itália**, as famílias referem que as crianças tiveram de enfrentar o obstáculo de "aprender" a viver numa família. Embora fossem os avós, muitas famílias nunca tiveram muito contacto com as crianças porque raramente lhes era permitido vê-las até terem sido acolhidas. Assim, muitas das famílias referiram que o maior desafio para as crianças foi adaptarem-se ao novo lar. Outro obstáculo que emergiu foi o sentimento de abandono por parte dos pais, o sentimento de estarem sozinhas e precisarem de ser cuidadas por outras pessoas que não os seus pais.

A partir da experiência **romena**, foi identificado que existe a estigmatização das crianças colocadas em famílias de acolhimento. Este facto leva à sua marginalização e discriminação em contextos sociais, especialmente na escola. Parece que estes problemas começam desde cedo no jardim-de-infância, e os pais e educadores mostram-se frequentemente relutantes e sensíveis à situação dessas crianças. Como resultado desta discriminação, as crianças em crise não sentem que pertencem a uma família ou grupo. Neste caso, a família de acolhimento tem um papel fundamental a assumir, dando à criança segurança, afeto, paciência e um sentido de pertença.

Os participantes da **Grécia** responderam que as crianças acolhidas foram privadas de proteção e sofreram negligência e abusos. Ao mesmo tempo, a sua vida em condições institucionais aumenta as dificuldades que têm de enfrentar. Ao incorporar as crianças na estrutura familiar e na família, as regras são um dos pontos mais desafiantes.

Além disso, os refugiados não acompanhados e as crianças imigrantes são um grupo especial com necessidades e vulnerabilidade acrescidas. A sua colocação em famílias de acolhimento traz desafios significativos para os pais que têm de lidar com estes. Estes incluem as experiências traumáticas destas crianças e as dificuldades psico-emocionais que podem apresentar, os seus processos jurídicos frequentemente complexos e pendentes, a sua falta de conhecimento da língua grega, bem como as suas dificuldades de integração e adaptação à sociedade grega.

Em **França**, o principal obstáculo no sistema de acolhimento é que este não é adequado para as crianças e jovens não acompanhados porque estes não vivem com famílias de acolhimento. Em 2020, na região de Lille, dos 205 jovens não acompanhados acolhidos pelo departamento municipal, apenas quatro viviam com famílias de acolhimento. Alguns dos jovens entrevistados não sabiam que poderia ser possível viver com uma família de acolhimento a tempo inteiro porque não lhes foi

transmitida informação suficiente sobre este assunto. De momento, os jovens não acompanhados vivem juntos numa instituição (*DHIMNA*). Ainda assim, precisam de um ambiente mais seguro e menos coletivo.

Em **Portugal**, considerando que o processo de acolhimento foi muito diverso, e que as idades das crianças das famílias de acolhimento entrevistadas variavam muito, foi possível reunir uma grande diversidade de obstáculos. Os obstáculos mais referidos dizem respeito à adaptação à nova realidade e família; questões psicológicas, uma vez que cada criança tem as suas características e a sua história de vida, ao que foi exposta e aos impactos que é importante compreender. Outros obstáculos são os distúrbios alimentares e questões de saúde; dificuldades escolares; a falta de rotina, e a noção de família, uma vez que as crianças precisam de ser criadas numa família com um sentido de normalidade e ter as suas roupas, brinquedos, cama e quarto. Por último, mas não menos importante, a articulação com a família biológica é outro problema importante, reconhecida como um impedimento para as crianças acolhidas, uma vez que são obrigadas a passar tempo com a família biológica, embora a situação que levou à medida de proteção ainda não esteja resolvida, causando-lhes muito sofrimento e instabilidade.

### 3.4 Fatores decisivos para o sucesso do acolhimento.

As entrevistas na **Áustria** indicam que a prática bem-sucedida de acolhimento está relacionada com o facto de as famílias de acolhimento terem sido previamente informadas sobre as famílias de origem / biológicas, sobre as crianças e as disposições legais. Para eles, o contacto das famílias de acolhimento e das crianças com as famílias de origem foi muito importante para ter sucesso e desenvolver estratégias de contacto adequadas. Para uma boa prática de acolhimento, é importante estar bem informado, com a devida antecedência, para se ter uma visão dos problemas existentes nas famílias de origem. É mais fácil quando as crianças acolhidas vêm para famílias de acolhimento diretamente após o nascimento pois não irão crescer com experiências traumáticas.

Da discussão **italiana**, concluiu-se que todas as famílias concordam que não existem fatores comuns e gerais para um acolhimento bem-sucedido. Ainda assim, dependem das experiências de cada criança e da família de acolhimento. Em geral, o que emergiu do grupo focal foi lidar com as crianças com cuidado, fazendo-as



compreender as regras e ajudando-as a refletir quando cometem erros. Transmitir-lhes afeto o tempo todo é uma forma eficaz de construir a relação familiar.

Na **Roménia**, as famílias de acolhimento experientes aconselham aqueles que iniciam esta profissão a empenharem-se uma vez que a componente afetiva é essencial. Para isso, é importante ter os pais de acolhimento ativamente envolvidos, oferecendo afeto, apoio moral e abertura para levar a criança a fazer diferentes atividades extracurriculares, tais como atividades desportivas, onde ela possa fazer amigos.

O êxito das colocações de acolhimento e a prevenção do regresso da criança acolhida a medidas institucional são importantes na **Grécia**. É necessário um acompanhamento frequente e de qualidade por parte dos profissionais relevantes para assegurar que as famílias de acolhimento sejam enquadradas para responder adequadamente ao seu papel e para ter uma pessoa com quem possam partilhar as suas preocupações. Além disso, estar preparado para se tornar pai ou mãe é o fator mais importante, juntamente com uma abordagem respeitosa da história das crianças. Na **República Checa**, os participantes identificaram a cooperação entre e com as autoridades, a educação de qualidade e a sensibilização para os direitos dos das famílias de acolhimento como fatores-chave para o sucesso do sistema de acolhimento. Além disso, sublinharam a necessidade de ter uma lista de profissionais (psicólogos, terapeutas, psiquiatras, ...).

Alguns dos fatores mencionados pelos entrevistados em **Portugal** foram boas relações com a família de acolhimento, porque por vezes as crianças comparam o que tinham com o que têm agora, o que é ser amado e cuidado, que por vezes é diferente do amor e cuidado que receberam na família biológica. Isto causa turbulência entre a família de acolhimento e a família biológica. Outros bons fatores são uma boa equipa de profissionais que presta apoio; uma preparação real e não "cor-de-rosa" por parte das famílias de acolhimento (significa ter uma preparação real, não uma perceção otimista deste processo. É muito difícil ter uma criança que não sabemos que pode ter problemas, e a família precisa de preparação para as características específicas da criança); nenhuma pressão sobre as famílias no sentido de sucesso escolar e progresso rápido; clarificação dos papéis; o momento certo para desenvolver a relação; articulação bem sucedida entre todas as partes envolvidas,

por exemplo entre o instituto de segurança social e a entidade responsável pelo acolhimento, ou entre o juiz e o que dizem os relatórios.

Em **França**, o respeito mútuo, explicar as regras, deveres e direitos, fazendo o jovem sentir-se em casa, tendo o seu quarto e tendo as chaves da casa é reconhecido como um fator de sucesso na experiência de acolhimento; também o envolvimento de todos os membros da família e a confiança no jovem é essencial para as famílias.

### 3.5 Vantagens em ser família de acolhimento.

Os benefícios mencionados nas entrevistas conduzidas em **Áustria** são os laços das crianças com as famílias de acolhimento; a experiência deste processo é salientada como positiva. Uma das mães referiu: "*Não importa se é biológico, adotado ou se é família de acolhimento - quando se vê uma criança pela primeira vez, sabe-se: somos agora o mundo para esta criança. E é nossa*". Desenvolver esse laço de confiança, é visto como uma vantagem para o futuro. Além disso, outra vantagem fundamental é proporcionar às crianças um ambiente familiar.

Para os entrevistados em **Itália**, o aspeto positivo de estar numa família de acolhimento é que as crianças vivem numa família e não numa instituição. Isto significa que elas podem sentir o calor de um ambiente familiar, mesmo que sejam avós ou outros familiares. Uma das famílias relatou que não sabe se há vantagens reais, mas que existe certamente uma ideia de melhoria como família e a vontade de ajudar na educação das crianças ou dos jovens, consciente de que pode não ser para sempre.

Para os participantes **gregos**, ter uma oportunidade de ajudar e apoiar uma criança é indescritível. Um participante que já tem um filho biológico referiu que esta é uma forma de expandir a família e ensinar as crianças a oferecer ajuda a outras pessoas. Nesta questão, todos os participantes em **Portugal** concordaram que o principal benefício é proporcionar amor, cuidados e um ambiente seguro a uma criança, mesmo que seja sempre incerto que tipo de criança irão receber e que bagagem emocional ela/ele tem. O grande benefício é ver uma criança feliz e saudável a ser criada numa família normal e a ter boas relações. As famílias disseram que acreditam que é efetivamente possível fazer a diferença, mesmo que seja apenas por um ano; deixarão uma marca positiva, e exigirão amor e cuidados dos outros no futuro. Outros

disseram que o potencial inicial da criança que foi "roubada" às crianças ou o projeto de vida desta criança era provavelmente incerto, mas depois de um acolhimento, abre-se uma janela para estas, e as famílias estão aqui para os apoiar, para lhes dar amor e carinho.

Outro benefício foi proporcionar à família biológica a oportunidade de se organizar para acolher a criança, o que significa contribuir para a reestruturação de uma família, para lhes proporcionar essa pausa para se reagruparem e para a criança regressar em segurança.

O desenvolvimento pessoal e a sensibilização são também mencionados como benefícios importantes desta medida; uma vez que as pessoas são muito fechadas no seu próprio mundo e não têm espaço para isso, dizem não saber como as famílias de acolhimento envolver-se num processo deste género, por isso é um processo que ensina muito.

Em **França**, as famílias explicaram que ter uma mente aberta, e trocar valores e costumes diferentes de um país para outro é enriquecedor e torna-se um ponto de referência para o resto da viagem das crianças, sendo um benefício tanto para as crianças como para as famílias.

### **3.6 Apoio e ferramentas úteis no processo de se tornar numa família de acolhimento.**

Todas as famílias de acolhimento entrevistadas na **Áustria** passaram por uma formação adequada para dominar os desafios especiais e estar mais bem preparadas para as crianças em acolhimento. Contudo, gostariam de receber formação adicional como medidas de acompanhamento e intercâmbio contínuo com outras famílias de acolhimento para beneficiarem das suas experiências. A maioria das famílias entrevistadas gostaria de saber mais sobre a história das crianças acolhidas com alguma antecedência, para que estejam melhor preparadas; ao mesmo tempo, para a maioria das famílias, era seriamente importante aprender mais sobre as famílias de origem desde o início, para que pudessem pensar em formas/rotas para lidar concretamente com a situação. Isto incluía um acordo com os pais biológicos no que toca às visitas. Assim, as famílias gostariam de ver mais direitos para as famílias de acolhimento.

De acordo com as famílias entrevistadas em **Itália**, a assistência dos educadores e a sua orientação para seguir na mesma direção educativa, é o melhor apoio na experiência de uma família de acolhimento. Falar com assistentes sociais e conselheiros é bom porque se torna um ponto de referência, especialmente para as famílias que estão apenas a começar. Uma das famílias referiu que apesar do trabalho de ambos os pais, a contribuição para as famílias de acolhimento do município é insignificante: 150 euros por mês para cada criança. O Estado deveria ser capaz de dar mais recursos financeiros para as necessidades das crianças. Outra das famílias entrevistadas diz que o centro de acolhimento oferece apoio através de conversas com psicólogos que trabalham com as crianças, com o apoio parental e assistentes sociais. Além disso, a assistente social do município de origem trabalha em rede com o Centro de Acolhimento para apoio no projeto de acolhimento. Mesmo que os serviços estejam presentes, um horário semanal de apoio a toda a família poderia ser útil; atualmente, este apoio (exceto quando explicitamente solicitado) é prestado no centro de acolhimento de 15 em 15 dias. Além disso, um pouco mais de apoio financeiro seria útil.

Em relação à **Grécia**, os participantes encontraram muita ajuda quando contactaram outras famílias de acolhimento e falaram sobre as suas experiências e dificuldades, oferecendo conselhos; alguns deles salientaram também que a formação é importante antes de se tornarem famílias de acolhimento.

Em **Portugal**, as famílias revelaram a necessidade por parte das famílias de acolhimento de pertencerem a grupos de famílias de acolhimento e comunicarem entre si, tais como grupos WhatsApp ou reuniões informais, onde as famílias possam discutir as dificuldades, o que funciona em termos de resolução de problemas e o que não funciona assim tão bem. As famílias de acolhimento revelaram uma necessidade de compreender pelo exemplo e pela partilha de experiências de outras famílias como lidar com os desafios que surgem no processo. Outra ferramenta é o apoio dos profissionais de ação social que deveriam estar mais presentes e assertivos: ter alguém com quem falar, discutir casos semelhantes e encontrar soluções para navegar no sistema é muito importante.

### **3.7 A importância da formação no Sistema de acolhimento.**

Na **Áustria**, a maioria das famílias de acolhimento entrevistadas já tinham concluído a formação antes de acolherem as crianças. Algumas participaram em supervisão

específica, e outras em cursos sobre as condições legais vigentes. A maioria das famílias necessita de formação relacionada com a relação entre as crianças biológicas e de acolhimento, por um lado, e a relação com as famílias de origem. A maioria dos problemas e conflitos surgiram nestas duas áreas. Outra área que foi frequentemente mencionada é a estigmatização e a discriminação que as crianças acolhidas enfrentam por parte da sociedade, especialmente no contexto escolar.

A formação é sempre benéfica, especialmente no caso das famílias entrevistadas em **Itália**, que sentiram a necessidade de uma espécie de "refresh" sobre como educar os adolescentes, sobre a melhor forma de os educar, aprender a ouvi-los e compreender as suas necessidades pois, devido ao contexto específico da Itália, pertencem a uma geração anterior o que aumenta as dificuldades perante as crianças e gerações mais novas. A formação é benéfica não só pelo conteúdo, mas também por ser um ponto de referência e apoio moral para lidar com problemas e desilusões, que (acrescenta uma das famílias) acontece sempre.

Na **Grécia**, os participantes acreditavam que a educação contínua é necessária para as famílias de acolhimento que necessitam de enquadramento e apoio constantes para cumprir o seu papel parental. Uma formação e a preparação adequada das famílias de acolhimento são essenciais para lhes permitir gerir melhor os desafios e conflitos que surgem. Além disso, a formação proposta deve ser experimental, baseada na participação dos participantes em atividades tais como exercícios de reflexão e auto-consciencialização, etc.

Em **Portugal**, todos os pais concordaram que a formação é importante e que as famílias beneficiariam de uma formação não só antes do início do processo de acolhimento, mas também durante o período de acolhimento. Normalmente, os pais têm uma sessão geral onde lhes é explicado o que é o acolhimento familiar e a diferença entre acolhimento familiar, adoção e cuidados residenciais. Há conteúdos básicos que lhes são fornecidos antes de se tornarem famílias de acolhimento, incluindo testemunhos pessoais, casos reais e a legislação vigente. Os participantes declararam que na fase de seleção, devem haver conteúdos relativos aos diferentes grupos etários das crianças e explicar mais detalhadamente qual é a realidade das crianças (por exemplo, contexto de violência física) para saber como lidar, para haver uma expectativa assertiva com os comportamentos, ou seja, para que não hajam surpresas. Foi também mencionado que é importante ter uma formação contínua,

uma vez que estes cursos de formação são importantes para lembrar tópicos importantes que, com o tempo, podem ser esquecidos, bem como para discutir e partilhar experiências ou alertar os pais para novos aspetos. Esta formação, de acordo com um dos participantes, fornece ainda dicas sobre como lidar com questões burocráticas ou como lidar com a família biológica. Foi considerado útil ter estes módulos de formação divididos no momento central da "chegada" da criança recebida, do momento em que está com a família de acolhimento e quando "parte". Outras formações que estas entidades fornecem centram-se em diferentes tópicos que podem interessar às famílias de acolhimento, tais como comparação entre diferentes países (Portugal vs Brasil), acolhimento após pandemia do COVID, partilha de experiências, etc.

### 3.8 Aspetos que devem ser conhecidos pelas potenciais famílias de acolhimento.

Da discussão na **Áustria**, surgiram numerosos tópicos e questões como aprender mais sobre as condições legais logo desde o início do processo, aprender mais sobre a história de vida das crianças, tentar saber mais sobre opções terapêuticas que se podem utilizar, participar continuamente em sessões de supervisão específicas e desenvolver formas construtivas de lidar com as autoridades.

Em **Itália**, as famílias falaram do aspeto jurídico e da questão da educação dos jovens adolescentes; no entanto, algumas famílias sentem que falar de elementos psicológicos também poderá ser útil. Uma família levantou a questão da sensibilização para o assunto nas escolas ou com os médicos, porque muitas vezes é necessário fazer exames médicos, inscrições em jardins de infância ou simplesmente viagens com uma ordem judicial em mãos, mostrando que houve uma decisão no sentido do acolhimento. Uma das famílias destacou, entre as muitas questões relevantes, saber o que é o acolhimento e, assim, conhecer a diferença entre esta medida e a adoção, compreender as necessidades das crianças/jovens e aprender a gestão adequada do tempo de trabalho/casa, bem como conhecer a rede de serviços existentes.

Na **Roménia**, as pessoas entrevistadas frequentaram cursos de assistência à infância e de baby-sitter e estão cientes dos seus benefícios. No entanto, salientaram que esta profissão não deve basear-se em informações teóricas, deve vir do coração, e deve

adaptar-se caso a caso. Não há efetivamente um bom método que possa ser aplicado na generalidade.

O objetivo é uma melhor compreensão dos cuidadores de famílias de acolhimento sobre questões relacionadas com o contexto e processos de acolhimento e a complexidade da paternidade. Ainda assim, o problema é a falta de consciência sobre o acolhimento na **Grécia** e a falta de pais interessados. Alguns participantes também notaram uma grave deficiência na supervisão e acompanhamento das organizações integradas devido a uma maior carga de trabalho dos organismos de supervisão.

Na **República Checa**, a legislação, os direitos dos pais das famílias de acolhimento, e a educação dos adolescentes são temas que seguem o estado psicológico da criança e sobre os quais os participantes querem saber mais. As organizações de acompanhamento e o sector privado oferecem muitos cursos, quer online quer presenciais, mas nem todos são de boa qualidade.

Os participantes em **Portugal** falaram de como o tempo é um grande obstáculo neste processo e de como é incerto o acolhimento de uma criança. Ao acolher uma criança, existe incerteza do tempo em que a criança permanece na família de acolhimento e se alguma vez regressará à família biológica. Por conseguinte, antes de acolher, as pessoas precisam de estar preparadas para esta questão e procurar o apoio necessário. As famílias devem também estar preparadas para o que pode correr mal e para os obstáculos que podem enfrentar. As famílias de acolhimento também alertaram para o facto de que é necessário continuar a discutir realisticamente o acolhimento. Esta questão relativa à temporalidade foi mencionada várias vezes, e um dos entrevistados declarou que os pais precisam de tentar não ter demasiadas expectativas em relação à evolução da criança. Ter objetivos realistas em relação ao processo é o melhor caminho a seguir. Estes podem incluir: estar à vontade na escola, encontrar uma atividade que traga alegria e prazer à criança (ler um livro, gostar de geografia, desporto), comer em família e ter uma boa higiene. Outro aspeto mencionado foi a importância de compreender que o dinheiro fornecido mensalmente por vezes não é suficiente para as despesas da criança e que as famílias de acolhimento terão de gastar mais do que recebem. De facto, para algumas famílias, isto pode ser complicado, uma vez que as crianças têm necessidades diferentes, por vezes precisam de apoio psicológico e de apoio académico, o que acarreta custos financeiros.

Em **França**, as famílias mencionaram a religião, a língua falada e a comida típica como tópico a ser conhecido pela família, bem como reconheceram a importância de conhecer os medos, as diferenças culturais e o nível de educação das crianças acolhidas.

### 3.9 Práticas e métodos utilizados pelas famílias de acolhimento.

Na discussão **austríaca**, surgiram alguns pontos nomeadamente sobre: proteger as crianças da discriminação e estigmatização; não fazer distinção entre crianças biológicas e crianças acolhidas; construir gradualmente um sentido de familiaridade; tratar as famílias de origem com respeito, mesmo se causarem dificuldades; documentar o progresso das crianças para resolver melhor quaisquer problemas/conflitos que possam surgir mais tarde.

Na **Itália**, o método que as famílias de acolhimento sublinharam é considerar a família de acolhimento e as crianças como "normais": ajudar as crianças a compreender quando estão erradas, aprender a falar e a dialogar e dar castigos justos; evitar que as crianças se sintam diferentes e estigmatizadas por viverem numa família de acolhimento. Um dos métodos relatados é acolher e educar as crianças de acordo com as suas aspirações, tal como os pais fazem com os seus filhos biológicos. As famílias referem que aplicam os métodos educativos normais de uma família tradicional.

Os participantes da **Roménia** referiram que a educação da criança é guiada pelos sentimentos dos pais, dado que também têm filhos biológicos. O comportamento dos da família de acolhimento em relação à criança deve ser definido pelo apoio moral e emocional para dar à criança um sentimento de pertença. A capacidade de ser empático e a boa comunicação entre os pais de acolhimento e a criança são dois aspetos essenciais.

É necessário um cuidado constante e acrescido para assegurar o desenvolvimento psicossocial equilibrado da criança na **Grécia**. Os pais precisam de muita paciência, persistência e calma para confirmar a sua vontade inabalável e a decisão consciente de os educar.

Além disso, pode haver problemas relacionados com privação material, abuso, problemas de saúde, falta de competências, dificuldades de aprendizagem e consequências de viver num ambiente institucional. Aderir a uma nova família, gerir



expectativas e possíveis crises e dificuldades e relações com a família biológica causam naturalmente problemas, até mesmo ansiedade.

As famílias de acolhimento na **República Checa** falam sobretudo sobre as necessidades que uma criança pode ter: cada criança é diferente e é crucial prestar atenção às necessidades da criança e agir em conformidade. Para educar bem as crianças, os pais que as irão acolher precisam de uma panóplia de conhecimentos de diferentes áreas, tais como por exemplo da psicologia e da psiquiatria; precisam de conhecer os traumas da criança e como lidar com os mesmos. O apoio da família de acolhimento é essencial nesses momentos de crise.

As práticas e métodos incluídos nas entrevistas **portuguesas** demonstram vontade de desenvolver a autonomia das crianças; promover atividades extracurriculares (natação, dança, ginástica); preparação emocional da criança antes de eventos importantes (por exemplo, antes de ter visitas com a família biológica); adaptar-se às características e necessidades da criança; procurar ajuda psicológica que lhe possa dar ferramentas e saber como ajudar; compreender que a teoria não funciona em todas as situações; ter muita paciência, mostrar amor e carinho; ser flexível e ceder a compromissos em situações específicos; no fundo, utilizar os mesmos recursos disponíveis de como se faz com as crianças biológicas; encontrar os meios disponíveis, porque nenhuma família consegue e pode fazer isto tudo de forma isolada.

Para as famílias **francesas**, a estratégia acertada é utilizar os mesmos métodos que as famílias utilizam para com os seus filhos biológicos. Significa apresentar as regras da família, permitindo que as crianças sejam autónomas, oferecendo-lhes ajuda para a escolarização e para os trabalhos de casa.

## 4. Resultados dos grupos focais e atividades com crianças em vias de acolhimento

De acordo com a experiência **austríaca**, não foi fácil encontrar crianças em famílias de acolhimento para conduzir atividades num ambiente familiar. Apenas através de contactos privados foi possível encontrar algumas crianças que foram

entrevistadas individualmente. Alguns dos pontos que emergiram desses encontros são:

- a) As crianças experienciam discriminação e estigmatização e são permanentemente confrontadas com a ideia de que vêm de famílias de acolhimento e não de uma família "normal". Perguntam-lhes frequentemente porque não vivem com os seus pais biológicos.
- b) As crianças entrevistadas mencionam frequentemente a relação ambivalente com as suas famílias de origem.
- c) Comparam frequentemente a sua situação com a dos seus pais biológicos e de acolhimento e salientam as vantagens das famílias de acolhimento.
- d) A convivência na família de acolhimento é descrita como normal.
- e) As crianças consideram o crescimento numa família de acolhimento muito agradável, mas também manteriam boas relações com os seus pais biológicos, mesmo que por vezes sejam dolorosas ou difíceis.
- f) Algumas delas são felizes por viverem numa família de acolhimento porque pensam que não cresceriam tão protegidas com a sua família de origem.
- g) Os pais de acolhimento são descritos de forma muito positiva e nenhuma das crianças mencionou comportamentos ou características das famílias que considerariam problemáticos. De igual forma, o tempo numa família de acolhimento foi identificado de forma muito positiva, mesmo que a convivência nem sempre seja constantemente harmoniosa.

Em resumo, através das descrições das crianças acolhidas, torna-se perceptível como processam as suas experiências parcialmente traumáticas, retomam histórias de vida, reinterpretam-nas e como juntam diferentes perspetivas, concebem a sua normalidade e desenvolvem estratégias de vida e visões para o futuro a partir delas. Além disso, os resultados mostram que as crianças acolhidas foram e são confrontadas com desafios especiais nas suas vidas: o estabelecimento de uma relação com a família de acolhimento, a separação da família de origem e o processamento da perda e dos sentimentos que a acompanham.

Em relação à **Itália**, a única forma de se chegar a crianças acolhidas foi, devido a questões de privacidade, através do telefone, pelo que não foi possível realizar as atividades lúdicas com os menores. Dado o tipo intra-familiar do seu acolhimento,

as únicas crianças entrevistadas disseram estar relaxadas e felizes em ficar em casa dos seus avós, tendo-os como família de acolhimento. Isto porque, de alguma forma, eles sentem que sempre permaneceram a esta família, ou seja, não são cuidados por estranhos. No entanto, o único risco ou fator negativo que mencionam é o fosso de gerações entre eles e os seus avós, que são mais velhos do que eles e pertencem a outra geração.

Na **Roménia**, a atividade com crianças acolhidas consistiu em duas sessões de discussão em formato online que foram realizadas com 17 crianças acolhidas (com idades entre 12 a 18), com o apoio da Direção Geral de Assistência Social e Proteção da Criança em Giurgiu, Iasi e Suceava. O que emergiu destas atividades foi o facto de levarem uma vida "normal", participando nas atividades da igreja (consideradas como uma atividade familiar e participando na vida comunitária) ou ajudando os seus pais de acolhimento na limpeza e no trabalho doméstico. Quanto à comunicação e relacionamento com os "novos" pais, as crianças afirmaram que se dão bem com eles e com os seus irmãos, alguns vivendo com outras crianças acolhidas ou com os filhos biológicos da família. Quando têm um problema, discutem-no ou com o assistente materno, ou, quando necessário, com os assistentes sociais e com o gestor do caso responsável pela sua situação. Os adolescentes do grupo descreveram a sua relação com a família de acolhimento e o assistente materno com as seguintes palavras: "paz, amizade, harmonia, amor, perfeito, forte, aberto, afeto, empatia".

Quanto à sua experiência enquanto crianças acolhidas, verificou-se que as crianças estão gratas aos pais "novos" por os terem acolhido na sua família. Desejam retribuir esse acolhimento sendo pessoas melhores e comportando-se melhor. Todos eles disseram que não iriam mudar nada e que se dariam bem com os seus pais e irmãos. Mencionaram que a sua família de acolhimento lhes deu um novo estilo de vida, apoio, encorajamento, e uma atitude positiva.

Em última análise, as respostas e perspetivas das crianças que participaram nas sessões de discussão refletem as suas experiências e interações com o sistema de acolhimento e com as suas famílias. Não se destinam necessariamente a generalizar a realidade de todas as crianças acolhidas.

Na **Grécia**, as atividades com crianças acolhidas foram realizadas numa escola secundária de Argiroupolis, frequentada por crianças com antecedentes

migrantes/refugiados. Os participantes foram 44 crianças de 13 a 14 anos e um professor pois devido à realidade macro do país, e como já discutido mais em cima, foi um grande desafio poder falar com menores não acompanhados e crianças no sistema de acolhimento.

Em geral, não foi fácil encontrar menores não acompanhados a viver com famílias de acolhimento. Em **França**, os jovens menores desacompanhados não vivem com famílias de acolhimento, quer sejam famílias voluntárias ou trabalhem para o município. Além disso, o conflito na Ucrânia desde Março de 2022 teve impacto no acolhimento solidário no Município da organização em causa. Por isso, o parceiro francês teve de adaptar o alvo e as questões. Assim, em vez de entrevistarem apenas jovens menores não acompanhados que vivem com famílias de acolhimento, entrevistaram de igual forma jovens menores não acompanhados que vivem presentemente numa instituição, mas que gostariam de viver com famílias de acolhimento. No total, entrevistaram sete jovens menores desacompanhados, 5 deles vivem numa instituição e 2 deles vivem com famílias de acolhimento voluntárias. Os cinco jovens menores não acompanhados expressaram o desejo de viver com uma família de acolhimento pelo menos durante os fins-de-semana ou durante as férias. Isto permitir-lhes-ia descobrir a cultura francesa (tradição, culinária, etc.) e aprender francês mais rapidamente, integrando-se mais facilmente na sociedade; eles pretendem também ter uma melhor educação, aprender sobre as tarefas domésticas, criar uma rede e implementar as suas oportunidades para construir o seu futuro. Para os participantes, viver numa família de acolhimento é melhor do que viver numa instituição porque lhes permite fazer mais atividades como desporto, visitas, viagens a Paris, visitas à família e sentir o calor de uma família.

Na **República Checa** houve, de igual forma, dificuldades em encontrar alguém disposto a partilhar as suas experiências; tiveram ainda dificuldades em realizar o grupo focal com as crianças, pois as famílias de acolhimento não estavam abertas à ideia de serem entrevistados para o estudo. Respeitou-se a vontade das famílias de acolhimento e, portanto, não foi possível encontrar participantes.

Em **Portugal** foi impossível realizar atividades com crianças, porque na recente revisão da lei portuguesa de proteção da criança, o acolhimento é evidenciado como a medida preferida para crianças até aos 6 anos de idade, a menos que a

consideração da situação excecional e específica da criança ou jovem com necessidade de proteção imponha a aplicação da medida de acolhimento residencial. Como anteriormente discutido, apesar desta recomendação, o número de famílias de acolhimento em Portugal é ainda reduzido e muito pequeno em comparação com outros países. Durante as entrevistas com profissionais da área dos lares, o parceiro português percebeu que a próxima etapa do projeto - o contacto com as famílias - seria um grande desafio. Considerando a pequena quantidade de famílias de acolhimento e o facto de no último ano este tópico ter merecido a atenção de investigadores e dos meios de comunicação social, as famílias de acolhimento e as crianças em famílias de acolhimento foram solicitadas a participar em muitas atividades (por exemplo: entrevistas, questionários, grupos focais, etc.). Além disso, em Portugal, uma vez que a medida de acolhimento é revista semestralmente, as crianças e as famílias de acolhimento já são sujeitas a processos de avaliação e a questões burocráticas muito extensivas. Por conseguinte, o feedback que o parceiro português recebeu ao contactar com as organizações ou famílias responsáveis foi de que a sua disponibilidade e vontade de participar em atividades mais semelhantes (especialmente quando envolvem os seus filhos) é limitada ou nula.

## 5. Perfil das famílias de acolhimento

### 5.1 Quem são essas famílias?

A investigação documental e os grupos focais realizados nos países parceiros do projeto revelaram algumas semelhanças, mas também muitas diferenças, criando-se diferentes perfis de famílias de acolhimento.

As famílias de acolhimento são casais que estão casados, com filhos em idade semelhante às que irão acolher, mas também há casais sem filhos e indivíduos solteiros que prestam cuidados temporários a uma criança ou adolescente em situações de desamparo. Estes cuidados protegem e sustentam a criança física, emocional, psicológica e economicamente até que ela possa regressar à sua família biológica, se existirem condições.

As famílias de acolhimento partilham o desejo de assumir o fardo das crianças necessitadas, conscientes das dificuldades, das vantagens e do empenho que esta escolha implica. O objetivo é oferecer um ambiente familiar até ao momento em que a família biológica ou familiares próximos possam tomar conta deles. Existem muitos tipos de famílias de acolhimento; o acolhimento a longo prazo decorre quando a criança não pode regressar à sua família biológica, mas não tem condições para ser adotada (normalmente, o acolhimento acontece até os jovens completarem 18 anos). O acolhimento a curto prazo acontece durante algumas semanas ou meses, principalmente enquanto a família biológica tenta resolver a sua situação e vulnerabilidade. O acolhimento pode ser intra-familiar, como é o caso de tomar conta de uma criança que já faz parte da família biológica alargada, por exemplo, um neto. As crianças acolhidas podem ter deficiências, necessidades educativas especiais ou problemas de comportamento. Embora existam diferentes tipos de famílias de acolhimento, o que têm em comum é o desejo de prestar cuidados adequados durante a infância, para evitar consequências graves e, por vezes, permanentes no desenvolvimento de uma criança.

Em geral, o sistema de acolhimento permite que crianças de todas as idades cresçam numa família diferente da sua, mas igualmente hospitaleira e solidária sempre que precisem e durante um certo período. Com base nestas experiências, o acolhimento revela-se um sistema possível e viável, com numerosos aspetos que as famílias de acolhimento em vários países europeus têm em comum.

**Desafios:** O principal desafio que cada família de acolhimento enfrenta é criar uma relação de base com as crianças acolhidas. A confiança é vista como fundamental para a construção da sua relação que requer tempo e paciência. No entanto, por vezes, para as famílias que já tiveram filhos biológicos construir uma relação com as crianças acolhidas parece ser fácil porque podem aproveitar a experiência que tiveram com os seus próprios filhos.

**Obstáculos:** Todas as famílias de acolhimento, independentemente do tipo de acolhimento (extra-familiar, intra-familiar, de longo ou curto prazo), enfrentam os mesmos obstáculos; um dos mais prevaletentes é o burocrático. A necessidade de produzir documentação que certifique o acolhimento cria inconvenientes tanto para as famílias como para os menores, que são obrigados a mostrar os seus documentos

sempre que vão à escola, ao médico, etc. O segundo grande obstáculo é, muito frequentemente, as famílias biológicas dos menores. A manutenção do contacto com as famílias de origem pode ser importante. Ainda assim, em alguns casos, é uma fonte de stress para o menor que experimenta uma espécie de situação suspensa, uma dualidade entre a família de acolhimento e a família biológica.

**Necessidades:** entre as necessidades que todas as famílias de acolhimento reivindicaram, duas delas repetem-se em todas as entrevistas. A primeira é a da formação: as famílias precisam de formação inicial antes de se tornarem famílias de acolhimento; precisam de conhecer os limites e oportunidades, quaisquer obstáculos e ter todos os instrumentos para lidar com estes. A segunda é a do trabalho em rede e da sensibilização: as famílias de acolhimento precisam de um contacto constante com as autoridades, com os serviços sociais para não ficarem sozinhas na gestão da experiência e devem ter a oportunidade de comunicar com outras famílias para partilhar os mesmos problemas e as mesmas preocupações. Além disso, no que toca à questão da sensibilização, todos os países parceiros reconhecem a necessidade de mais famílias de acolhimento. Por outras palavras, é necessário investir no sentido de ter mais famílias e mais famílias significam mais perfis e mais crianças colocadas na casa certa. No entanto, isto implica que o sistema também deve mudar, uma vez que se a maioria das crianças continuar a ser colocada em estruturas residenciais, mesmo que existam famílias de acolhimento disponíveis para as acolher, isto provoca a desmotivação das famílias de acolhimento.

## 6. Conclusão

O objetivo do acolhimento é proporcionar às crianças proteção e cuidados temporários 24 horas por dia; dar às crianças cuidados temporários para satisfazer as suas necessidades até que seja seguro/possível reunificá-las com os seus pais biológicos; proporcionar uma alternativa que é recomendada em detrimento dos cuidados residenciais. As crianças acolhidas são acompanhadas por uma família de acolhimento responsável pelos seus cuidados, que pode durar dias, meses ou anos. As formas de uma família começar a acolher uma criança são numerosas e diferem de família para família. Mas o fio condutor comum na escolha de todas as famílias é

acolher crianças em dificuldades: a criança precisa de proteção e, por vezes, as crianças têm problemas psicológicos e de saúde que os pais de acolhimento podem ajudar a acompanhar.

No entanto, o que move as famílias de acolhimento é a consciência da necessidade de construir estabilidade na vida das crianças ao seu cuidado.

Cada família de acolhimento sabe que não é fácil e que por vezes é preciso questionar-se e até duvidar da sua capacidade de dar às crianças o que elas precisam. Ainda assim, no final, todas as famílias em todos os países parceiros concordaram que vale a pena, e que é uma decisão importante. Será um caminho cansativo, mas com muitos aspetos positivos e que valem a pena. Esta alternativa permite que as crianças vivam em família e não numa instituição como fora explicado por uma família italiana. Expande-se a própria família como disse uma família grega. São criadas crianças felizes e saudáveis como foi mencionado por uma família portuguesa e troca-se e enriquece-se os valores como disseram os pais romenos.

No entanto, tornar-se uma família de acolhimento pode, por vezes, ser um grande desafio. Por conseguinte, é importante que uma vez tomada a decisão, as famílias sejam dotadas das ferramentas e informações necessárias, incluindo uma orientação abrangente sobre responsabilidades, direitos legais e o que as espera enquanto famílias de acolhimento. Além disso, as necessidades físicas, emocionais e de desenvolvimento de uma criança devem ser satisfeitas. Os serviços sociais, as ONG e as agências de acolhimento tornam-se então o canal para assegurar que as famílias recebem toda a assistência e cuidados de que necessitam. Globalmente, as famílias de acolhimento entrevistadas tiveram experiências boas e positivas. Apesar das dificuldades, a maioria dos pais têm uma visão pragmática do acolhimento e tendem a olhar positivamente para o futuro.

## 7. Anexos

### Questionário para as famílias de acolhimento

O grupo focal foi implementado em duas fases; a primeira envolve membros da família aos quais o moderador fará as seguintes perguntas:

1. Qual é o caminho que começou a percorrer para se tornar numa família de acolhimento?



2. Que tipo de obstáculos enfrentou após se ter tornado uma família de acolhimento?
3. Que tipo de obstáculos enfrentam as crianças em famílias de acolhimento?
4. Que fatores considera decisivos para o sucesso do acolhimento?
5. Quais são os benefícios de se tornar numa família de acolhimento?
6. Que tipo de apoio ou ferramentas o ajudariam na experiência de ser uma família de acolhimento?
7. Acha que a formação sobre o sistema de acolhimento poderia ser útil para si?
8. Quais são os temas e questões essenciais a serem conhecidos de uma família de acolhimento?
9. Por favor, descreva as práticas e métodos que está a utilizar enquanto família de acolhimento.
10. Quer partilhar algo mais com o grupo?

### Atividades com crianças de acolhimento

A segunda fase envolveu crianças através de atividades de quebra-gelo para envolver as crianças, permitir-lhes sentir-se confortáveis na discussão, e encorajá-las a participar.

Atividade ice-breaking “Apanha do brinquedo”:

- Material: Uma bola ou qualquer brinquedo macio para atirar.
- Descrição: O facilitador do grupo focal tem de reunir todas as crianças em círculo e pode realizar a atividade dentro de casa. A dinâmica inicia com o facilitador a atirar uma bola para uma criança aleatória e fazer uma pergunta sobre esta, por exemplo, "Qual é a tua cor favorita?". Em seguida, a criança responde à pergunta, atira aleatoriamente o brinquedo para outra criança e faz uma pergunta, como "Tens um animal de estimação?". A próxima criança pega o brinquedo, responde à pergunta e atira-a para outra criança aleatória com uma pergunta.

O facilitador necessita de ter uma lista de perguntas preparada (que pode ser adaptada de acordo com o contexto):

- ✓ Que idade tens?
- ✓ Qual é a tua comida favorita?
- ✓ Qual é o teu animal favorito?
- ✓ Qual é a tua aula favorita?
- ✓ Qual é a tua cor favorita?

Este vídeo é baseado numa curta animação sobre o processo de acolhimento (por favor, considere adaptar o vídeo ao seu contexto): [História do acolhimento](#)  
Incentiva a liberdade de expressão e pode ajudar a eliminar a barreira linguística, uma vez que os menores não acompanhados podem não ser fluentes na língua nacional de cada parceiro.

## 8. Referências

- (2022), First Quarter 2022. Data and Figures of the Information System available at [https://paidi.gov.gr/wp-content/uploads/2022/05/entipo-APRIL-2022\\_BB.pdf](https://paidi.gov.gr/wp-content/uploads/2022/05/entipo-APRIL-2022_BB.pdf)
- Cabral A. S., Macedo D., Banhudo S., (2020), CASA 2020 - Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens available at <https://www.seg-social.pt/documents/10152/13200/CASA+2020.pdf/b7f02f58-2569-4165-a5ab-bed9efdb2653>
- Chapon N., Prémoli S., (2018), Parentalité d'accueil en Europe - Regards théoriques et pratiques professionnelles, available at <https://books.openedition.org/pup/50093>
- Charbonnel A., (2022), Assistants familiaux: ce qui va changer avec la réforme de la protection des enfants, available at <https://www.cneh.fr/blog-jurisante/publications/organisation-sanitaire-et-medico-sociale/assistants-familiaux-ce-qui-va-changer-avec-la-reforme-de-la-protection-des-enfants/>
- Conigliaro S., (2021), Lo sguardo dei figli naturali nel percorso d'affido Il vissuto dei figli biologici di famiglie affidatarie durante il percorso di affidamento familiare available at <https://tesi.supsi.ch/3938/1/Conigliaro%20Samantha%20tesi.pdf>
- Delgado P., Bernedo Muñoz I., Carvalho J. M. S., Salas Martínez M. D., García-Marín M. A., (2019), Foster Carers' Perspectives about Contact in Portugal and Spain, available at <https://bettercarenetwork.org/sites/default/files/2019-11/4502-20423-1-PB.pdf>
- Delgado P., Pinto V. S., Carvalho J. M.S., Gilligan R., (2019), Family contact in foster care in Portugal. The views of children in foster care and other key actors available at [https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/12179/1/Art2\\_Paulo%20Delgado\\_2018.pdf](https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/12179/1/Art2_Paulo%20Delgado_2018.pdf)

- Diogo E. S., (2017), Ser família de acolhimento de crianças em Portugal : motivações e experiências, available at <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/25873>
- Diogo E., Branco F. (2019), How Do People Become Foster Carers in Portugal? The Process of Building the Motivation, available at <https://pdfs.semanticscholar.org/3fdc/1924b383dea39db8a9c80997d7293b4b9218.pdf>
- Direction de la recherche, des études de l'évaluation et des statistiques, (2023), L'enquête nationale sur les assistants familiaux, available at <https://drees.solidarites-sante.gouv.fr/sources-outils-et-enquetes/lenquete-nationale-sur-les-assistants-familiaux#:~:text=Avec%2076000%20enfants%20accueillis%20fin,l%27ordre%20de%2040%20000.>
- EuroChild, (2021), Better data for better child protection systems in Europe, available at <https://eurochild.org/uploads/2022/02/Greece.pdf>
- EuroChild, (2021), Foster care system in Portugal: challenges and improvements, available at <https://eurochild.org/news/foster-care-system-in-portugal-challenges-and-improvements/>
- FA.B! “Family-based care for children in migration”, <https://www.fabtogether.net/it/home-italiano/>
- Fondation pour l'enfance, (2017), Etude sur les apports du parrainage pour les Mineurs Non Accompagnés, available at <https://www.france-parrainages.org/documents/47>
- Herrmann G., (2021), Pflegefamilie soll Liebe und Geborgenheit geben, available at [https://www.meinbezirk.at/innsbruck/c-lokales/pflegefamilie-soll-liebe-und-geborgenheit-geben\\_a5079412](https://www.meinbezirk.at/innsbruck/c-lokales/pflegefamilie-soll-liebe-und-geborgenheit-geben_a5079412)
- IOM Un migration, (2019), Fostering across borders (FAB) available at <https://eea.iom.int/sites/g/files/tmzbd1666/files/documents/FAB-Final-Programme-Report.pdf>
- Konečná H., Landová T., (2020), PŘEDČASNÉ UKONČOVÁNÍ (SELHÁVÁNÍ) PĚSTOUNSKÉ PÉČE SLOVO ÚVODEM, available at [https://lumos.contentfiles.net/media/assets/file/Lumos\\_SHRUTI\\_predcasne\\_ukoncení\\_pp.pdf](https://lumos.contentfiles.net/media/assets/file/Lumos_SHRUTI_predcasne_ukoncení_pp.pdf)
- Nadace Sirius, (2019), Pěstounské rodiny v České republice, available at <https://www.nadacesirius.cz/soubory/ke-stazeni/Analyza-Pestounske-rodiny-v-Ceske-republice.pdf>

- Nadace Sirius, (2022), Konference Aktuální výzvy systému péče o ohrožené děti, available at <https://www.nadacesirius.cz/vyzkumy/o-situaci-v-rodinach>
- Opening doors for Europe's children, (2018), Strengthening Families and ending institutional care - 2018 Fact Sheet, available at <https://www.openingdoors.eu/wp-content/uploads/2019/03/country-fiche-Austria-2018.pdf>
- Paul S., Verrier B., (2013), Mission d'enquête sur le placement familial au titre de l'aide sociale à l'enfance, available at <https://www.vie-publique.fr/rapport/33281-mission-denquete-sur-le-placement-familial-au-titre-de-laide-sociale>
- Pruteanu C., (2021), A new life, full of love, for more and more children - The number of adoptable children and the families certified for adoption increased by a third in the first three months of the year, available at <https://www.unicef.org/romania/press-releases/new-life-full-love-more-and-more-children>
- Ramos Batalhas V. C., (2008), Acolhimento familiar práticas e representações das famílias de acolhimento, available at <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1630/1/Acolhimento%20Familiar.pdf>
- Ricchiardi P., Coggi C., (2021), L'affidamento familiare: le strategie educative elaborate dagli affidatari, available at [http://www.anfaa.it/wp-content/uploads/2021/12/L%E2%80%99affidamento-familiare\\_-le-strategie-educative-elaborate-dagli-affidatari.pdf](http://www.anfaa.it/wp-content/uploads/2021/12/L%E2%80%99affidamento-familiare_-le-strategie-educative-elaborate-dagli-affidatari.pdf)
- Roots Research Center NGO, (2021), Country Profile on the European Semester and COVID-19 crisis from a children's rights perspective, available at <https://eurochild.org/uploads/2021/02/GR-ECH-S20-profile.pdf>
- Roth M., Parental Responsibilities - National report: Austria, available at <http://ceflonline.net/wp-content/uploads/Austria-Parental-Responsibilities.pdf>
- Unicef for every child, Child Rights Strategy - The National Strategy on the Protection and Promotion of Children's Rights available at <https://www.unicef.org/romania/documents/child-rights-strategy#:~:text=About-,The%20National%20Strategy%20on%20the%20Protection%20and%20Promotion%20of%20Children%27s,the%20objectives%20integrated%20into%20the>  
[e](https://www.unicef.org/romania/documents/child-rights-strategy#:~:text=About-,The%20National%20Strategy%20on%20the%20Protection%20and%20Promotion%20of%20Children%27s,the%20objectives%20integrated%20into%20the)
- Urso A., (2014), L'affido familiare: una ricerca quantitativa sulle esperienze degli affidatari negli ambiti del magentino e del castanese, available at <https://ainformazione.files.wordpress.com/2015/02/tesi-urso-affido-familiare.pdf>

- Vaitsis A., (2019), Alternative family care in Greece, available at <https://nidosineurope.eu/wp-content/plugins/download-attachments/includes/download.php?id=931>

